

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL
MESTRADO EM MEMÓRIA SOCIAL**

PAULA CRUZ PIMENTEL

**MEMÓRIAS DE COMERCIANTES LOCAIS: A NOVA FUNCIONALIDADE DO
CENTRO HISTÓRICO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ**

**RIO DE JANEIRO
2016**

PAULA CRUZ PIMENTEL

**MEMÓRIAS DE COMERCIANTES LOCAIS: A NOVA FUNCIONALIDADE DO
CENTRO HISTÓRICO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Memória Social.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Regina Maria do Rego Monteiro de Abreu

Rio de Janeiro
2016

P644 Pimentel, Paula Cruz.
Memórias de comerciantes locais : a nova funcionalidade do centro histórico de Campos dos Goytacazes/RJ / Paula Cruz Pimentel, 2016.
95 f. ; 30 cm

Orientadora: Regina Maria do Rego Monteiro de Abreu.
Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

1. Memória - Aspectos sociais. 2. Urbanismo - Centros históricos - Campos dos Goytacazes (RJ). 3. Patrimônio cultural. 4. Análise do discurso narrativo. I. Abreu, Regina Maria do Rego Monteiro de. II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Programa de Pós- Graduação em Memória Social. III. Título.

CDD – 302

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL
MESTRADO EM MEMÓRIA SOCIAL

PAULA CRUZ PIMENTEL

MEMÓRIAS DE COMERCIANTES LOCAIS: A NOVA FUNCIONALIDADE DO
CENTRO HISTÓRICO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ

Aprovado pela Banca Examinadora:

Rio de Janeiro, ____/____/____

Professora Doutora Regina Maria do Rego Monteiro de Abreu (Orientadora)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Professora Doutora Maria Amália Silva Alves de Oliveira
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Professora Doutora Renata Ribeiro Gomes de Queiroz Soares
Instituto Federal Fluminense - IFF

Professor Doutor Francisco Ramos de Farias (suplente) – UNIRIO

À memória de meu amado pai, Paulo Magno de Oliveira Pimentel.

AGRADECIMENTO

Agradeço a minha mãe Rosangela, que é a minha maior incentivadora, não há palavras que expressem minha gratidão por ter tido seu precioso apoio e coragem. Sou imensamente grata a você por ter me encorajado a nunca desistir de meus sonhos e claro pelo apoio financeiro que foi necessário para seguir até o fim com esse projeto acadêmico.

Às minhas irmãs Isabela e Gabriela que sempre me deram forças para continuar a jornada cansativa de idas e vindas da cidade de Campos/RJ para o Rio de Janeiro, no bairro da Urca onde está localizada a Universidade Federal do Rio de Janeiro. As contribuições de vocês foram inúmeras, o afeto, a solidariedade e compreensão.

Ao meu amado companheiro Ítalo, agradeço pela tolerância das constantes ausências e por me apoiar em minhas escolhas com o seu amor e companheirismo.

Às minhas tias e tios: Silvana e Adolfo, Maria e Silvério, por me acolherem carinhosamente em suas casas. A solidariedade de vocês, sem dúvida, contribuiu muito para a realização dessa importante etapa de minha vida.

À minha querida orientadora professora Regina Abreu que felizmente me acolheu com sua generosidade, obrigada por ser essa pessoa atenciosa e sempre generosa compartilhando seu conhecimento comigo e com os alunos do programa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Memória Social que auxiliaram a turma com nossas dúvidas e angústias fazendo das aulas um espaço democrático para discussão de nossos projetos de pesquisa.

Aos professores da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF que tiveram uma grande participação em minha formação e como fruto disso contribuíram para minha motivação em continuar essa jornada, em especial, a professora Luciane Silva e meu querido orientador de graduação o professor Arno Vogel, que me incentivou a continuar pesquisando as valiosas histórias que estão escondidas em cada rua, prédio e comércio, estão ali para serem descobertas, são trazidas nas lembranças desses personagens locais. Minha sincera gratidão pelo conhecimento compartilhado, obrigada por ser esse ser generoso e de admirável conhecimento que me fez avançar por um caminho sem volta, sem dúvida a pesquisa é um exercício que vicia, não existe fim.

À Prof^a Dra Renata Soares que gentilmente aceitou participar de minha qualificação ainda que em tempo exíguo para a leitura.

Às minhas grandes amigas de curso Paola e Nahyara, obrigada pelos momentos de descontração que foram para mim de um valor inestimável e nos momentos difíceis principalmente, me cederam um pouco de suas forças.

Agradeço sinceramente às historiadoras Maria Alice Pohlmann e Larissa Manhães que contribuíram com a pesquisa esclarecendo os detalhes da trajetória do centro histórico da cidade de Campos/RJ.

Aos meus interlocutores: O Senhor Almir, Senhor Eraldo e a sua esposa Marlene, e o Senhor Ronaldo. Sou imensamente grata por confiarem a mim suas preciosas experiências de vida compartilhadas, o tempo doado, as conversas francas, e o esforço em sempre tentar me mostrar e ajudar a ver o que eu não conseguia, obrigada a tudo isso que me fez compreender melhor os nuances envolvidos nesse lugar de memória e estórias.

Quando um grupo humano vive muito tempo em lugar adaptado a seus hábitos, não somente os seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens que lhe representam os objetos exteriores. Eliminaí agora, eliminaí parcialmente ou modificaí em sua direção, sua orientação, sua forma, seu aspecto, essas casas, essas ruas, essas passagens, ou mudai somente o lugar que ocupam um em relação ao outro. As pedras e os materiais não vos resistirão, e deles, é com a própria resistência, senão das pedras, pelo menos de seus antigos arranjos na qual vos esbarreis.

(A Memória Coletiva, Maurice Halbwachs)

RESUMO

O presente estudo analisa percursos de memória a partir de narrativas de pequenos comerciantes locais situados no centro da cidade de Campos dos Goytacazes, localizada no Norte Fluminense do Estado do Rio de Janeiro. O objetivo consiste em realizar um estudo compreensivo sobre as transformações ocorridas no local tomando como perspectiva o olhar daqueles que habitam a cidade. São descritos diversos fragmentos de memórias tendo o centro histórico comercial da cidade de Campos/RJ como suporte de memórias. Por meio dessa análise visamos relacionar o tema da memória social com o tema da cidade e do patrimônio.

Palavras-Chave: narrativa, patrimônio, cidade

ABSTRACT

This study examines memory tracks from narratives of small local traders situated in the center of the city of Campos dos Goytacazes, located in the North Fluminense, State of Rio de Janeiro. The aim is to conduct a comprehensive study of the transformations taking place in perspective as the look of those who inhabit the city. Many fragments of memories with the old commercial center of Campos/RJ as memories of support are described. Through this analysis we aim to relate the theme of social memory with the theme of the city and heritage.

Palavras-Chave: narrative, heritage, city

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	12
2- A FORMAÇÃO DA CIDADE: CAMPOS DOS GOYTACAZES NO CENÁRIO REGIONAL E NACIONAL BRASILEIRO	18
2.1- De colônia à cidade: da criação de gado ao açúcar	18
2.2- Nasce a vida urbana em torno da Praça: o centro comercial.....	20
2.3- As intervenções urbanas no centro histórico de Campos: um patrimônio cultural.....	25
3. NARRATIVAS MEMORIAIS DE UM CENTRO HISTÓRICO	31
3.1- Narrativas memoriais: a busca por sentido na paisagem urbana.....	31
3.2 As entrevistas.....	33
3.3-A trajetória da livraria “Ao Livro Verde” na cidade de Campos: a estória de uma livraria centenária.....	34
3.4- Relatos do Sr. Eraldo sobre a papelaria “A Festival”: o centro como um lugar de memória.. ..	Erro! Indicador não definido. 42
3.5- Relatos do Sr. Almir sobre a loja “Flora Econômica”: Percepções sobre as transformações na paisagem do centro histórico	47
3.6- As disputas e os conflitos no centro histórico: entre a nostalgia das perdas e a nova economia de mercado	50
3.7- A destruição e a preservação de um patrimônio: o que mudou?.....	58
3.8- Dificuldades e conquistas da pesquisa	79
4- CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
5- REFERÊNCIAS	92

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como temática a memória do centro histórico da cidade de Campos dos Goytacazes, Município situado no Norte Fluminense do Estado do Rio de Janeiro. A pesquisa foi desenvolvida no programa de pós-graduação em memória social, sob a orientação da professora Dr^a Regina Abreu, e está inserida na linha de pesquisa: memória e patrimônio.

Meu interesse em estudar a memória da cidade de Campos/RJ não teve início na pesquisa de mestrado, mas sim em meu trabalho monográfico em que me dediquei a escrever sobre a história de vida como método etnográfico, no curso de graduação em ciências sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. O trabalho monográfico consistiu em uma discussão metodológica sobre a técnica da história de vida. Para isso, realizei algumas entrevistas que tinham como foco as trajetórias pessoais dos interlocutores. Apesar de não ter escrito diretamente sobre o campo da memória na graduação, meu desejo era de continuar a estudar a cidade de Campos/RJ, por tudo o que ela representa no imaginário social de seus habitantes. Do açúcar ao petróleo, a cidade tomou novos ares, mas ainda persiste em ser representada por uma memória positivada de seu passado aristocrático. Escrever sobre a cidade de Campos é uma forma de acrescentar questões a um panorama atual ainda não explorado pelos pesquisadores, sobretudo levar adiante o desafio que a pesquisa memorial proporciona: um debate contemporâneo relacionando o tema da memória, da cidade e do patrimônio.

Com tudo isso, a investigação passou a dar ênfase aos relatos citadinos de memórias individuais e coletivas de um lugar dotado de significados, o centro histórico da cidade de Campos/RJ. A memória está situada no campo dos significados da cultura, nessa perspectiva as memórias devem ser interpretadas por meio dos discursos, narrativas ou, ainda relatos, método pelo qual a pesquisa realiza um mapeamento que prioriza as diversidades de memórias presentes na sociedade campista, e é por meio dessas análises discursivas que se tem um sentido interpretativo e de apropriação do patrimônio cultural fluminense.

Foi assim que segui com a trajetória de minha formação, me deparando com alguns autores apresentados nas disciplinas oferecidas pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social, e estes autores tiveram uma contribuição decisiva para o formato dessa pesquisa.

Primeiramente, a clássica obra do sociólogo francês Maurice Halbwachs *“A memória Coletiva”* (1990), que chamou atenção para a questão da apropriação e uso dos espaços na cidade. O modo como o autor destaca a íntima relação dos lugares com o campo da memória,

concluindo que estamos ligados aos lugares pelas lembranças pessoais que temos deles, afirma ele:

Assim, não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço - aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir - que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças¹.

Nesse contexto, os relatos sobre a cidade de Campos, coletados para essa pesquisa, têm como quadro espacial o centro histórico de Campos. Uma paisagem urbana fragmentada em diversos tempos, marcado por elementos novos e velhos, fazendo despertar, naqueles que são usuários desse espaço, lembranças sobre este lugar. Os relatos evidenciam diversos tempos entre o passado e o presente. Desse modo, os relatos flutuam entre a lembrança e o esquecimento. Para tanto, a pesquisa desenvolvida tem o intuito de apresentar ao leitor os relatos citadinos de habitantes de Campos, o que permitiu elaborar e apresentar aqui uma memória da cidade através das narrativas que contemplam uma diversidade de memórias e identidades que estão presentes na trajetória do local.

Segundo Maurice Halbwachs, as imagens espaciais desempenham um importante papel na memória coletiva (1990:133). O historiador Michel de Certeau também dá destaque para os relatos citadinos afirmando em sua obra *“A invenção do cotidiano”* (1980), que os relatos sobre a cidade podem mostrar aquilo que não existe mais, porém já se tornou memorável. Afirma:

Os lugares são histórias fragmentadas e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo.²

Michel de Certeau (1994) quer nos dizer que os relatos permanecem como percursos de memórias³ que estão presentes no imaginário social, mesmo que esses percursos memoriais

¹HALBWACHS: 1990:143

²CERTEAU: 2010:189

³ Michel de Certeau (1994) faz uso dos conceitos: “retóricas caminhatórias”, “relatos cotidianos”, “descritos itinerários”, “percursos de mapas” para explicar o que são as narrativas orais sobre a cidade. Segundo Certeau (1994:202) o espaço é um lugar vivenciado pelos caminhantes, pedestres, estes que dão sentido aos lugares, as ruas, as calçadas, os prédios. O autor compara o ato de andar ao ato de falar, é nesse sentido que podemos

tenham sido destruídos materialmente. Desse modo, me refiro aos relatos citadinos como um exercício “arqueológico urbano”, por meio do qual podemos montar um quebra cabeça que revelam histórias antes desconhecidas, não exploradas ou esquecidas que, a qualquer momento, retornam das lembranças. As histórias flutuam em um horizonte não temporal, do mesmo modo que os relatos não possuem uma ordem cronológica, apenas estão lá, para serem contados e recontados. Além de mapear os percursos memoriais, no entanto, outras questões são suscitadas pela pesquisa, como, a título de exemplo, a problemática em torno da maneira como o município lida com as iniciativas patrimoniais.

Sabemos que os centros urbanos são dinâmicos. O caso estudado – o centro da cidade de Campos – vem ao longo dos anos passando por diversas transformações em sua paisagem urbana, principalmente com alterações em sua morfologia. Fatores como as demolições de prédios históricos e construções de novos prédios comerciais são recorrentes.

A pesquisa propõe também mapear quais foram as principais alterações realizadas na paisagem urbana, e como os habitantes lidam com essas antigas e novas intervenções, de reconfigurações da paisagem, sobretudo aqueles que frequentam e vivem o centro da cidade todos os dias, em particular, o grupo social dos comerciantes locais que têm seus comércios localizados neste território central.

Para isso, foram realizadas três entrevistas com comerciantes locais campistas que trabalham há mais de quarenta anos no centro da cidade. O Senhor Eraldo foi o primeiro comerciante entrevistado, proprietário da papelaria “A Festival”, localizada na Praça São Salvador, coração do centro da cidade. Eraldo possui uma forte ligação com a cidade, presenciou o crescimento da cidade de perto, tendo primeiro iniciado sua carreira profissional como funcionário da papelaria, já extinta, “A Normalista”, para depois de muitos anos conseguir abrir o seu próprio negócio. Pude chegar até o Senhor Eraldo de maneira bastante acessível, pois ele é um grande amigo da família, foi muito presente na vida de meu avô materno, Edalmo, já falecido. Eraldo também é meu vizinho de bairro, por isso realizei a entrevista em sua casa, tendo a sua esposa Marlene presente.

A papelaria “A Normalista” em que Eraldo trabalhou por muito tempo ficava também na Praça São Salvador, ao lado de outros comércios. Por ali mesmo, nesse tecido urbano ainda existe o prédio histórico da Escola de Música Lyra de Apollo e a tradicional padaria “Rainha do Pão Quente”.

O segundo entrevistado foi o Senhor Ronaldo, proprietário da Livraria “Ao livro verde”, situada na Rua Governador Theotônio Ferreira de Araújo, antiga Rua Barão de Cotegipe. O proprietário da livraria herdou-a de seu pai, João Sobral, mas antes disso já era funcionário da mesma, motivo de orgulho e paixão para ele. Ao Livro Verde adquiriu o título de livraria mais antiga do Brasil, reconhecida pelo livro dos recordes, o *Guinness Book*. Possui uma história de resistência, foi inaugurada no ano de 1844, pelo português José Vaz Correia Coimbra, era um lugar onde se reuniam intelectuais, escritores e jornalistas da época, mas também tinha a função de fornecer artigos de luxo trazidos de Portugal a uma elite local, como perfumes, cosméticos e livros de partituras musicais. A primeira livraria do país possui uma importância histórica como um lugar de memória que vem agregar um valor cultural inestimável ao centro da cidade.

Já o terceiro comerciante entrevistado, foi o Senhor Almir, proprietário da loja “Flora Econômica”, situada na longa e conhecida Rua Barão do Amazonas. A loja possui este nome, pois foi no ramo de remédios naturais que teve início. No princípio de sua carreira, Almir trabalhava de funcionário para o seu primeiro patrão, um sírio libanês que foi forçado a mudar de ramo devido à forte concorrência farmacêutica, optando pelo ramo de artigos religiosos. Depois, Almir conseguiu comprar a loja e passou a ser o proprietário. O que chama a atenção para o seu comércio é a exposição nas prateleiras de grandes estátuas de santos católicos, ao lado de santos de umbanda e do candomblé.

Nas entrevistas com os comerciantes preparei um roteiro com alguns temas a serem abordados. O principal foco nesta ocasião era levantar material sobre a relação que tinham com o lugar, como lidavam com as transformações e as novas práticas sociais, e também de que maneira a nova morfologia do lugar alterava o modo de se relacionarem com a cidade, ou seja, sobre quais eram as percepções que os entrevistados tinham das transformações do centro comercial.

Os principais pontos destacados nas entrevistas foram: 1) A trajetória profissional do entrevistado no centro da cidade 2) Como os entrevistados percebem as transformações do lugar 3) Como os entrevistados lidam com as novas e velhas práticas sociais do lugar.

Os relatos pessoais levantados nas entrevistas revelam muitas características da cidade, do seu passado e do seu presente. Mas, principalmente, o que os percursos de memórias expressam é a necessidade que os habitantes têm de aprender a lidar com os novos elementos que foram incorporados na cidade pela influência do mundo contemporâneo. Além de

evidenciar o dinamismo que acontece com a paisagem do centro urbano, os relatos enfatizam aspectos conflituosos que há entre os usuários do espaço e as intervenções urbanas.

De um lado, falam sobre o desejo de memória dos habitantes que possuem uma relação de identidade com esse lugar histórico, de outro lado, tematizam o embate da força que transforma a paisagem urbana: o mercado econômico.

A pesquisa procurou ainda investigar o que se tem feito para amenizar as perdas promovidas pela destruição de prédios históricos e de ações intervencionistas, frequentemente adotadas pelos órgãos competentes do município.

As entrevistas com os proprietários dos comércios localizados no centro duraram cerca de uma hora e meia. Minhas incursões foram freqüentes ao centro da cidade, sobretudo, para observar o espaço, a movimentação e visitar os entrevistados que prontamente se colocaram à disposição para participar da pesquisa.

Logo depois, foram realizadas mais duas entrevistas para o levantamento de informações sobre o contexto histórico do centro da cidade. Uma entrevista foi realizada com a historiadora do Arquivo Público Municipal de Campos e assessora técnica da Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima, Larissa Manhães. A outra entrevista foi realizada com a historiadora Maria Alice Pohlmann,. As entrevistas foram realizadas com o auxílio de perguntas semi-estruturadas (sobre a trajetória do centro histórico). As duas entrevistas contribuíram para a construção de uma trajetória do centro histórico da cidade baseada em fatos históricos relevantes, tanto para compor o cenário atual, quanto para compreender como os agentes culturais do município têm lidado com a questão do patrimônio cultural.

Na paisagem da área central de Campos, encontramos solares urbanos e *shoppings Centers*. Há ainda a Praça do Santíssimo Salvador, cartão postal da cidade e o Mercado Municipal, símbolos da identidade campista. O mercado centenário tradicional é famoso pela grande oferta de mercadorias alimentícias que estão presentes na culinária local. Contudo, o que torna relevante a pesquisa é que o centro histórico é um espaço vivenciado no dia a dia da população, suporte de memórias individuais e coletivas, portanto faz parte da vida social dos habitantes.

Quis iniciar a pesquisa entrevistando os comerciantes locais pela razão de serem as testemunhas mais próximas dessas transformações. Esses interlocutores privilegiados são proprietários de comércios tradicionais da cidade e possuem uma freguesia popular fiel. Os serviços prestados nessa parte central da cidade têm como público alvo, principalmente, consumidores de classe média baixa, por isso esses comércios são considerados populares. É

interessante observar que ainda encontramos prestações de serviços que são cada vez mais raros em médias e grandes cidades, estes são engolidos por grandes prédios financeiros e culturais.

Na Rua Barão do Amazonas, por exemplo, são oferecidos serviços como o conserto de painéis, cutelaria, chaveiro, relojoaria, artigos religiosos, hotéis, restaurantes e revelação de fotos. É de se destacar também a antiga loja especializada em doces tradicionais que fazem parte da culinária local como o chuíscio e a goiabada cascão, dentre outros. Os estacionamentos rotativos também são bastante comuns na Rua Barão de Amazonas e por outras ruas principais do centro histórico.

Na maioria dos comércios locais, de aparência simples, com grandes letreiros nas fachadas, os atrativos visuais são as próprias mercadorias penduradas fora da loja, como painéis de alumínio, calçados, roupas e manequins expostos nas calçadas estreitas de pedras portuguesas, (compõem um visual colorido). Muitas lojas ainda não estão totalmente inseridas na tecnologia informatizada. Mas, apesar da acirrada concorrência com as lojas vindas de fora e da especulação imobiliária, esses pequenos comerciantes consideram ter uma postura de resistência frente aos entraves que os expulsam cada vez mais para fora de seu território.

Para que os objetivos da pesquisa fossem alcançados, o trabalho foi estruturado em quatro capítulos. No capítulo I, apresentei a introdução da dissertação, os fatores e as inquietações pessoais que me motivaram a começar e a seguir com a pesquisa, para em seguida, no capítulo II, traçar os antecedentes da cidade de Campos, contextualizando suas características históricas, econômicas e sociais.

O capítulo III apresenta o método dos percursos de memórias presentes na paisagem urbana da cidade e descrito por meio das narrativas orais, para depois expor ao leitor as narrativas dos interlocutores Ronaldo, Eraldo e Almir que contam uma memória coletiva do centro histórico da cidade de Campos/RJ. Ainda no mesmo capítulo descrevo as minhas dificuldades no decorrer da investigação como também as conquistas e descobertas.

As narrativas detalhadas, ricas em histórias densas em sua complexidade da vida social ilustram um lugar de sentidos, personagens, memórias locais e coletivas com seus conflitos, percursos de memórias, dramas vivenciados pelos comerciantes locais. Estes expressam suas percepções sobre a cidade ao relatarem como testemunhas que presenciaram as transformações do espaço urbano evidenciando uma paisagem urbana fragmentada.

Por fim, o capítulo IV traz algumas conclusões obtidas nesse estudo.

2. A FORMAÇÃO DA CIDADE: CAMPOS DOS GOYTACAZES NO CENÁRIO REGIONAL E NACIONAL BRASILEIRO

“O desenvolvimento da cidade se acelera. Obra indireta da usina, do grande estabelecimento industrial do capitalismo invadindo a planície, aniquilando o senhor de engenho e descosendo toda essa trama firme de fazendas energeticamente organizadas no período anterior”. Alberto Lamego⁴

2.1 De colônia à cidade: Da criação de gado ao Açúcar

Neste capítulo, apresento um sucinto panorama histórico do Município de Campos dos Goytacazes/RJ, de como se deu o desenvolvimento econômico e social da cidade, com a intenção de situar o leitor sobre o contexto histórico da cidade de Campos, e de evidenciar a estreita ligação dessa cidade interiorana com a memória do Estado do Rio de Janeiro.

Os primeiros habitantes da planície caracterizada pela sua hidrografia de muitas lagoas e cortada pelo Rio Paraíba do Sul foram os índios goitacazes, estes não se renderam facilmente ao processo civilizatório e expulsaram a primeira expedição comandada pelo navegador português, herdeiro da capitania de São Tomé, Pero de Góes, em 1545. Houve inúmeros confrontos entre as expedições portuguesas colonizadoras e os índios goitacazes, causando mortes de ambos os lados, desse modo os colonos foram forçados a se refugiarem nas Capitânicas vizinhas. Segundo o historiador campista, Alberto Ribeiro Lamego Filho, o fracasso das tentativas de colonização da capitania de São Tomé é a prova do caráter feroz e guerreiro do índio goitacá⁵. A retomada da capitania só veio acontecer no ano de 1623, pelo segundo donatário, Gil de Góes, filho de Pero de Góes, mas sua tentativa de povoar o território também fracassou devido ao caráter guerreiro do índio goitacá.

Mas, o fato é que a tardia ocupação e exploração das terras fluminenses ⁶só foi possível com a chegada da expedição dos colonizadores portugueses, conhecido como os “sete capitães” ⁷. Em 1629 finalmente os capitães ocuparam definitivamente o território e conseguiram manter sob controle a sesmaria, graças a ajuda das missões de paz da ordem

⁴LAMEGO:1945:170

⁵Segundo o historiador Alberto Lamego: “O fracasso da capitania de São Tomé mostra-nos mais uma vez o caráter do índio goitacá. Acessível e assimilável pelo colonizador, reage, entretanto, vivamente as primeiras provas de barbaridade. Fácil na amizade com o branco, é, todavia, implacável contra o menor ataque a sua áspera sensibilidade”. LAMEGO :1945:79

⁶ A região englobava a cidade de Macaé, São João da Barra e Campos dos Goytacazes.

⁷ No final do século XVI os senhores de engenho na Guanabara: Miguel Maldonado, Miguel Riscado, Antonio Pereira, João Castilho, Gonçalo de Sá, Manuel Correia e Duarte Correia, após lutarem pela expulsão dos franceses, tamoios e tupinambás no Rio de Janeiro são nomeados capitães e reivindicam as terras fluminenses a Coroa para dar início a criação de gado. LAMEGO: 1945:81

jesuíta, que tinha a função de catequizar os indígenas tornando possível o convívio pacífico daqueles que ainda ali habitavam. Os capitães tinham a intenção de fazer da sesmaria⁸ um grande pasto para a criação de gado, abastecendo a demanda da cidade do Rio de Janeiro. Posteriormente, os colonizadores iniciaram os primeiros canaviais para a produção da cana do açúcar.

Ao circular as notícias da descoberta de terras férteis e de ampla riqueza natural acabaram por atrair o interesse de novos latifundiários, os pioneiros então arrendaram alguns latifúndios aos que iam chegando. A história da formação da cidade de Campos desde seu início sempre foi à luta do homem pela terra e o desejo de fazer fortuna, fica claro quando Lamego chama atenção:

É desde essa época que o campista começa a viver com os olhos fascinadoramente fitos nessa terra de massapês ubérrimos. É seu direito de posse e lha querem arrebatar. Com o andar do tempo e o desenvolvimento da cana, esse desejo da terra irá tornar-se uma idéia fixa e perigosamente rotineira⁹.

Segundo Lamego, no ano de 1656 já havia presença de engenhocas que fabricavam aguardente, desse modo, o povoamento da planície aumentava, mas até os habitantes conseguirem fundar a Vila de São Salvador em 1677, vários conflitos se sucederam. Em 1672, houve um conflito pela terra entre os moradores e os latifundiários do Rio de Janeiro que terminou em ordem de despejo, com o argumento de que havia muitos intrusos vagabundos produzindo em suas terras. O episódio resultou na expulsão violenta de muitos moradores, tudo isso para impedi-los de fundar a Vila. Mais tarde, nos anos seguintes acontecem outros conflitos por terras - como a disputa entre a família Asseca e a ordem beneditina, e o conflito do governador da capitania Martim Correia, e o proprietário José Barcelos contra os jesuítas¹⁰.

No meado do século XVII surgem os engenhos reais, produção que passou a ser a principal em desenvolvimento na região. Com isso as engenhocas dão lugar aos rebanhos, como afirma a autora Dilcéa Smiderle, em sua obra sobre o setor sucroalcooleiro:

Cada engenho funcionava como um centro de produção e consumo, surgindo pela primeira vez em Campos um núcleo açucareiro cujo dono passou a centralizar prestígio e poder. Dessa forma, vai surgindo na região uma nobreza composta por barões, viscondes, baronesas e viscondessas – títulos conquistados por serviços prestados ao Império ou por gentileza imperial¹¹

⁸Terreno abandonado que os reis de Portugal cediam aos novos povoadores.

⁹ LAMEGO, Alberto. 1945:60

¹⁰ LAMEGO, Alberto. 1945:63

¹¹ SMIDERLE:2010:45

Podemos concluir que foi com a produção do açúcar, aguardente, madeiras de lei, café e a criação de gado que a região deu início as exportações e, conseqüentemente, passou a obter maior independência econômica, prosperando e acumulando lucros. O desenvolvimento da navegação fluvial com a criação do porto de São João da Barra-Campos intensificou-se o uso de barcos cargueiros a vapor, que faziam a ligação entre as redondezas,este foi um grande propulsor para as relações de mercado, como assinala a historiadora Teresa Faria:

Em 1876 foram criadas a Cia de navegação São João da Barra-Campos e uma linha marítima a vapor entre o porto de Imbetiba, em Macaé, e Rio de Janeiro era concluída. Graças a esta nova via de acesso, o tráfico de mercadorias, a circulação de indivíduos e de informação e, conseqüentemente, a entrada das últimas novidades do mundo europeu foi facilitada. O comércio era, então, favorecido: nos jornais locais, aumentaram os anúncios de chegada de novas mercadorias assim como o número de lojas de artigos importados ¹².

Todo o movimento de mercadorias fez da Rua Beira Rio, ou Avenida XV de Novembro, próxima do Rio Paraíba, a mais agitada do centro,onde ficava o Cais que recebia todas as mercadorias que entravam na cidade.

Em 1935 a cidade tornou-se uma das maiores produtoras de açúcar do país, por conseguinte, o comércio local se expandiu e passou a abastecer a demanda local também por produtos importados, atendendo a necessidade da elite agrária dos barões do açúcar que já se fazia presente na região.

2.2 Nasce a vida urbana em torno da Praça: O centro histórico de Campos

Em Campos, o crescimento da indústria açucareira foi a grande incentivadora do comércio e, conseqüentemente de seu centro econômico. No final do século XIX e início do século XX ocorreram grandes mudanças em todo o país – as reformas urbanas nos centros urbanos brasileiros eram constantes e tinham por objetivo modernizaras cidades para que acompanhassem o modelo europeu de sociedade.

Com isso, a cidade de Campos se desenvolve. O centro da cidade se estabeleceuao redor da Praça São Salvador, próximo ao Rio Paraíba que corta toda a cidade. Com a falência do setor agroindustrial e a ruína das grandes usinas que não conseguiam abastecer as fábricas era vez do setor comercial alavancar. Em 1953, o comércio de Campos começa a se desenvolver mais intensamente, apesar de suas dificuldades para prosperar e suprir a necessidade básica do mercado interno. A criação da Fundação da Câmara dos Dirigentes Lojistas (CDL) fortaleceu

¹² FARIA: 2008:43

o setor comercial, oficialmente em 1963, desde então passaram a adotar medidas protecionistas. Os comerciantes campistas já possuíam uma forte representação de classe, se reunindo desde 1893, é importante enfatizar que sempre tiveram uma notável participação em ações políticas municipais que interferiam no espaço urbano com objetivo de realizar melhorias da parte central da cidade.

No início do século XX a cidade passa então por uma etapa modernizadora de transformações de sua paisagem urbana. O capital privado daqueles que detinham o poder político e econômico passou a contribuir com as obras da cidade como: a abertura de ruas, demolições de velhas casas, construção de estradas, ferrovias e ponte de ferro.

De acordo com os estudiosos em planejamento urbano Leonardo Silva e Elis Miranda, afirmam:

A substituição de ruas estreitas e sinuosas por largos bulevares retilíneos e arborizados tornou-se um padrão adotado nas principais cidades e capitais do mundo. Essa tendência internacional não tardou a chegar ao Brasil, trazida pelas mãos do prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Francisco Pereira Passos, que havia estudado na França durante o período de reformulação da sua capital e por Saturnino de Brito, o responsável pelas reformas em Campos ¹³.

Alberto Lamego, ao analisar a arquitetura da cidade, observa que a região só conseguiu acelerar seu desenvolvimento, quando conseguiu ser elevada a categoria de cidade em 1835, graças à exploração da atividade açucareira. Segundo o autor, a simplicidade da vida rural moldada por uma cultura vaqueira de brejos e lagoas impedia a preocupação com a estética do lugar e o embelezamento da cidade, destaca Lamego, “No aspecto monumental externo transparece o cuidado exclusivo dessa rude população de setecentos, alheia a pendores imaginativos pela dura imposição da luta pela terra crua¹⁴”.

A difícil tarefa de dar início a um plano de saneamento em Campos foi delegada a Saturnino de Brito, engenheiro sanitário Saturnino foi contratado pelo Município para dar início ao seu projeto modernizador em 1902. No projeto de saneamento proposto havia uma preocupação com a insalubridade dos espaços públicos, as epidemias e as fortes enchentes devido à complexidade da hidrografia da região, mas, sobretudo, estava previsto no projeto urbano reformista levar símbolos do progresso à cidade, como afirma a historiadora Heloiza Alves:

¹³ SILVA, MIRANDA: 2013:196

¹⁴LAMEGO: 1945:106

A cidade abria-se ao deslumbramento do luxo, da grandiosidade de prédios. Cidade reconstruída e remodelada continuamente, condição indispensável para o exercício da dominação política. Já não cabiam os casebres, ruas estreitas, vendedores ambulantes e algazaras dos moleques. Recortar a geografia urbana, construindo moradias que atendessem à nova ordem era a preocupação das elites ¹⁵.

A paisagem espacial do Município era caracterizada por seu antagonismo com a presença de dois ambientes: o urbano e o rural. Ao redor da Praça e espalhados pela região central da cidade surgiam os comércios, livrarias, bancos, cafés, fábricas e jornais, dando vida política, econômica e social ao lugar e, ao mesmo tempo, se contrastando com o estilo de vida rural nas redondezas com suas extensas fazendas, chácaras; solares urbanos e rurais.

As fábricas fizeram a cidade se expandir, transformando a paisagem e criando bairros operários. Dessa maneira, no início do século XX o centro da cidade foi sendo transformado. As suas principais ruas estreitas modificaram-se dando lugar a largas avenidas, entre elas: a Rua Vinte e um de Abril, Sete de Setembro, Constituição e Formosa, que foram incluídas no projeto reformista, como também Praças e lugares de convivência foram reformados ao passo que surgem novos edifícios comerciais. Nesse momento, a vida urbana era desejada por toda a população, até mesmo a elite agrária campista se muda para o centro urbano abandonando o estilo de vida rural. As fazendas vazias agora são consideradas ruínas, vestígios de um passado aristocrático.

Aos solares urbanos são designadas outras funções: o Solar do Barão da Lagoa Dourada tornou-se um Liceu de Humanidades, o Solar do Visconde de Araruama, a Câmara Municipal para depois ser restaurado tornando-se o Museu Histórico de Campos, já o Solar Comendador Paraíba, torna-se o Hotel Gaspar, e o Solar Visconde de Piratininga, o Hotel Amazonas.

Os novos valores modernos da burguesia são introduzidos na sociedade campista mudando a morfologia urbana do lugar, como aponta a autora Teresa Faria:

Sem dúvida, com a impulsão do comércio, com o aumento da produção e instalações de indústrias, Campos entra, num curto espaço de tempo – 1870 a 1900 – em um processo de modernização irreversível, marcado pela penetração de estradas de ferro, o que leva forçosamente, a implementação de uma nova racionalidade urbana implicando uma distribuição das funções e um planejamento dos espaços¹⁶.

A dependência dos serviços instalados no centro da cidade fez com que o município experimentasse o fenômeno do êxodo rural. Dessa maneira, a cidade passa a ocupar uma posição importante no cenário nacional, primeiramente surpreendendo o país com as novas

¹⁵ ALVES:2011:5

¹⁶FARIA: 2011:787

tecnologias na indústria açucareira, para depois fixarem as modernas fábricas que remodelaram o espaço urbano, contribuindo para a expansão da cidade com a criação de novos bairros e empregos.

Imagem 01 –Alargamento da Rua 7 de Setembro em 1920



Fonte: Arquivo Público Municipal de Campos Fotógrafo: A. Ribeiro.

Imagem 02 - Avenida XV de Novembro em obras, em 1905



Fonte: Arquivo Municipal de Campos.

Imagem 03 - Construção de trilhos na Rua Alberto Torres, em 1910



Fonte: Arquivo Municipal de Campos.

Imagem 04- A fábrica de tecidos Nossa Senhora da Conceição, em 1920, Rua Beira Rio, no bairro da Lapa



Fonte: Arquivo Municipal de Campos.

2.3. As Intervenções Urbanas no Centro de Campos: um patrimônio cultural

O Centro da cidade de Campos é considerado um patrimônio histórico cultural. O órgão responsável por fiscalizar esses bens materiais e garantir o tombamento dos prédios históricos é o Conselho de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural - COPPAM. Foi a partir da Lei Municipal 8.487 do ano de 2013 que o trabalho de preservação dos imóveis teve início. O COPPAM no ano de 2015 determinou o tombamento de prédios históricos na Avenida 7 de Setembro, Santos Dumont, Teotônio Ferreira de Araújo, Praça São Salvador, entre outros.

Mesmo com a recente política de preservação dos imóveis históricos o Município segue com as intervenções urbanas na parte central da cidade. O centro histórico da cidade experimentou diversas reformas ao longo dos anos, a última reforma teve como objetivo a revitalização de seu centro histórico. O macro projeto urbano ainda em andamento reuniu um pacote de medidas reformistas que teve início no ano de 2011, primeiramente com a reforma da Praça principal da cidade, a Praça São Salvador.

São notáveis as recorrentes iniciativas preservacionistas nos centros urbanos do mundo todo que nas últimas décadas adotaram estratégias similares a do município de Campos, tornando o turismo cultural uma atividade econômica e uma forma de preservar os patrimônios históricos em degradação, como apontam os pesquisadores Gabrielle Cifelli e Paulo Peixoto:

Tais estratégias, adotadas nas últimas décadas em áreas degradadas de diversos países europeus e nos Estados Unidos, reproduzem-se, desde os anos 1990, nas cidades dos países latino-americanos, procurando conciliar desenvolvimento local e preservação patrimonial. Neste sentido, em muitos centros históricos de cidades de grande e médio porte, os investimentos destinados à promoção cultural visam elevar o teor de atratividade turística de tais sítios, a fim de dinamizar esta atividade que, em tese, propicia a geração de emprego e de proveitos econômicos a partir da valorização e promoção mercadológica das referências materiais e imateriais da cultura¹⁷.

Entre as iniciativas da gestão municipal da cidade de Campos está previsto a reforma de ruas, calçadas, a modernização do sistema de iluminação com cabos subterrâneos de energia, e a restauração de prédios históricos e monumentos. Alguns pontos principais do centro histórico também foram incluídos no projeto, os que são considerados lugares de memória e identidade para a população campista, como a Praça Chá-Chá-Chá (Praça de Verduras), o

¹⁷CIFELLI, PEIXOTO: 2012:36

Solar do Visconde de Araruama¹⁸ (Museu Histórico de Campos), a reforma do Mercado Público e do Camelô, a restauração do Monumento Obelisco, o Monumento ao Expedicionário da Praça São Salvador e o chafariz Belga da Praça Quatro Jornadas.

As reformas teriam intuito de agregar valor cultural ao lugar, mas mesmo com o fim de algumas reformas ainda é notável a degradação desse espaço público, das áreas de convivência, monumentos e prédios históricos. Em consequência da acelerada transformação sócioespacial, o comércio local vem sentindo o acirramento da concorrência, com a queda em suas vendas que resultam muitas vezes em falências. Nesse sentido, cabe indagar se o centro estaria mudando de funcionalidade.

O fato é que o nascimento de outro pólo comercial no bairro de classe média alta Pelinca também seria um dos motivos para essa mudança de funcionalidade do centro. O Bairro Pelinca dá continuidade ao Bairro do Centro, possui uma estrutura de bancos, *shoppings*, restaurantes, casas noturnas e bares frequentados durante a noite.

Em contraponto, o centro histórico comercial atualmente é um espaço de disputas desiguais. A paisagem urbana em constante modificação com seus antigos solares urbanos; prédios históricos em deterioração e seus comércios tradicionais contrastam com os elementos modernos como os novos *shoppings*. Dessa maneira, a necessidade de valorização da área central se tornou uma preocupação para os agentes políticos, como afirma o presidente da Associação dos Comerciantes e Amigos da Rua João Pessoa e Adjacências:

“Na avaliação do presidente da Associação Comercial e Industrial de Campos (Acic), Getúlio Rodrigues, o município necessitava de um instrumento de divulgação que apresente resultados no futuro. “Lá na frente, vai ser fundamental para o turismo. A inauguração do Chá CháChá¹⁹ está sendo um exemplo disso. O Centro da cidade já está melhorando bastante”, frisou ele. O presidente da Carjopa (Associação dos Comerciantes e Amigos da Rua João Pessoa e Adjacências), Eduardo Chacur, disse que a área central se tornará um shopping a céu aberto”²⁰.

Esta fala evidencia a intenção do projeto de revitalização para o centro histórico da cidade. Mas, afinal o que está acontecendo nesse importante espaço público da cidade? Quais as implicações das obras de revitalização para os comerciantes e habitantes locais?

Na medida em que a paisagem urbana se modifica, as práticas sociais também se modificam. Um exemplo disso é a Praça São Salvador, cartão postal da cidade, após a

¹⁸José Carneiro da Silva foi o Visconde de Araruama, seu avô e seus pais foram capitães da aldeia dos índios em Quissamã e possuíam uma sesmária que ia da Lagoa Feia à Lagoa da Ribeira.

¹⁹A Praça Chá CháChá é um lugar de memória e identidade para a população campista.

²⁰Trecho de uma matéria jornalística online retirada do site da prefeitura de Campos: http://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=18786 datada em 28/05/13

reforma que tinha em vista revitalizar o espaço veio a se tornar um lugar de passagem, sem funcionalidade para os habitantes. As árvores da Praça foram substituídas por grandes palmeiras reais e seu calçamento substituído pelo de mármore, descaracterizando o modelo original.

O tema da vitalidade do centro urbano se torna cada vez mais relevante no caso da cidade de Campos, a população se depara com a pouca oferta de lazer, de parques e praças, perdendo a vez para os *shoppings centers*, que representam uma “sociedade de consumo”. Mas, a questão aqui em evidencia é o grave descaso com as memórias dos cidadãos.

No centro há diversos exemplos de demolições de prédios históricos que foram substituídos por construções sem valor cultural e artístico. O clube Saldanha da Gama, construído em 1906, foi demolido para dar lugar ao primeiro *shopping* na área central, o Campos Shopping.

Um novo empreendimento foi construído recentemente, um misto de edifício garagem e centro comercial, O Central Plaza Shopping, que está situado no coração de Campos, ocupando a totalidade de um quarteirão em frente à Praça São Salvador. O *shopping* tem trinta e uma lojas no primeiro andar, também possui trezentas vagas distribuídas em três andares de estacionamento. É interessante destacar que nesse mesmo local havia um importante prédio histórico: A Igreja Nossa Senhora Mãe dos Homens e o hospital Santa Casa de Misericórdia.

A Igreja foi fundada em 1790²¹ e representava o legado português da irmandade religiosa na cidade, um dos prédios históricos que fazia parte do patrimônio cultural e deveria ter sido preservado. A Rainha portuguesa Dona Maria I, mãe de Dom João VI, aprovou em 1792 o compromisso da Irmandade em construir a Santa Casa de Misericórdia como hospital beneficente, a caridade sempre foi característica das antigas irmandades religiosas. Atrás da Igreja havia um cemitério, a Igreja ficava situada na parte da Praça São Salvador, próxima ao Rio Paraíba, e da antiga Praça das Quatro Jornadas, fazendo esquina com a "Estrada do Saco", atual Avenida Alberto Torres. Depois de demolido em 1961²² o prédio do hospital foi transferido para a Avenida Pelinca.

Apesar das iniciativas e estratégias de intervenções urbanas por parte das gestões municipais com desejo de melhorar e modernizar a área central da cidade de Campos, o que se observa nos relatos dos entrevistados é uma recorrente nostalgia pelas perdas impetradas pelas modernizações urbanas. Segundo estes entrevistados muitos comércios têm entrado em

²¹ PUGLIA: 2011: 60

²² PUGLIA: 2011: 61

estado de falência devido à concorrência e a nova maneira de se fazer comércio, mais moderna e competitiva. A mudança de público também é perceptível, pois com o crescimento da cidade agora o comércio se divide entre o Bairro Pelinca e o Bairro central da cidade. Fatores como o aumento da violência urbana, a especulação imobiliária e a ausência de uma estratégia que possa revitalizar a área são apontados por eles como agravantes da situação atual.

É interessante observar que este fenômeno de reurbanização vem acontecendo em todo o mundo. Nas cidades americanas, por exemplo, este fenômeno foi observado pela urbanista Jane Jacobs. Em sua clássica obra “*Morte e Vida de Grandes Cidades*” (1961), a autora chama a atenção para o papel nocivo da construção de grandes *shoppings centers* monopolistas e monumentais centros culturais, arruinando pequenos negócios e a vida sócioeconômica tradicional das cidades:

Os *shoppings centers* monopolistas e os monumentais centros culturais, com espalhamento das relações públicas, encobrem a exclusão do comércio – e também da cultura – da vida íntima e cotidiana das cidades. Para que tais maravilhas sejam executadas, as pessoas estigmatizadas pelos planejadores são intimidadas, expropriadas e desenraizadas, como se eles fossem o poder dominante. Milhares e milhares de pequenos negócios são destruídos e seus proprietários arruinados, e dificilmente recebem qualquer compensação²³.

Nesse contexto, existem vários fatores que poderiam justificar inicialmente o que vem sendo processado no centro de Campos/RJ. A população e os comerciantes temem que um dia não exista mais este lugar, devido à perda de prestígio do lugar e as medidas desastrosas para deter a depredação da localidade. Centenas de prédios demolidos, comércios falidos e grupos extintos para dar lugar a novos empreendimentos.

Desde à economia vaqueira, à do engenho e por último à do petróleo o município de Campos dos Goytacazes foi se moldando aos novos padrões modernos no início do século XX, não poupando alguns prédios de valiosa arquitetura histórica, mas apesar das perdas o centro da cidade ainda é um lugar que representa a identidade e memória campista com suas estreitas ruas, prédios históricos, igrejas e praças.

²³ JACOBS:2014:2

Imagem 05: A Igreja Nossa Senhora Mãe dos Homens e a Santa Casa de Misericórdia de frente para a Praça São Salvador.



Fonte: Arquivo Público de Campos

Imagem 06: A construção do Shopping Plaza Center no lugar da Igreja Nossa Senhora dos Homens e da Santa Casa de Misericórdia de frente para a Praça São Salvador, já revitalizada.



Fonte: J Pimentel site: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1676024>

3. NARRATIVAS MEMORIAIS DE UM CENTRO HISTÓRICO

3.1 Narrativas cidadinas: a busca por sentido na paisagem urbana

As narrativas cidadinas são peças fundamentais que contribuem para a elaboração de um estudo compreensivo sobre a necessidade incessante que o indivíduo possui de buscar por novos sentidos na paisagem urbana. Nesta pesquisa o método da narrativa oral nos permite o privilégio de expor o olhar do outro, desarticulando possíveis relações hierárquicas que pudessem vir a ser estabelecidas. Nessa paisagem urbana fragmentada do centro de Campos/RJ, podemos perceber essas transformações aceleradas do mundo capitalista industrial. No tecido urbano estão presentes, por exemplo, alguns Solares urbanos, resquícios de um passado aristocrático atualmente com outras funcionalidades, um foi restaurado e se tornou o Museu Histórico de Campos, o outro Solar foi transformado em Hotel, O Hotel Amazonas, e hoje está sendo degradado pela ação do tempo.

O filósofo alemão George Simmel em sua obra “*As Grandes Cidades e a Vida do Espírito*” (1903), retratou o espaço urbano como um ambiente que estimula os sentidos nervosos, aquilo que o autor definiu como “caráter blasé”, a indiferença diante de tudo e de todos. Este seria o novo desafio para o homem que tem de enfrentar os novos moldes modernos, tanto econômicos quanto sociais, em que o indivíduo busca sentido para essas rápidas transformações.

As narrativas colhidas pela pesquisa expressam aquilo que já se tornou memorável e muitas vezes não existe mais materialmente, os chamados “mapas imaginários afetivos do lugar”, esses circuitos de memórias são descritos pelos narradores e conduzem a desvendar aquilo que está oculto nos patrimônios.

Em meio há tantas perdas de sentidos com a acelerada transformação das cidades cabe indagar como os indivíduos lidam com as novas reconfigurações do espaço.

As narrativas cidadinas expressam-se no presente por de lembranças/recordações. Trata-se de uma atualização do passado como experiência viva no presente. Ao trabalhar com as narrativas orais do centro histórico de Campos, notamos que o indivíduo se encontra em uma eterna busca de sentidos para os novos elementos que foram incorporados no mundo moderno. A paisagem urbana fragmentada em diversos tempos é um cenário imagético que elucida as recordações. As ruas movimentadas, avenidas, bares, restaurantes e prédios são mencionados nos percursos memoriais do lugar.

As narrativas também podem partir de um estudo micro, ou seja, de um determinado mundo social para revelar questões de ordem macro, como problemas sociais, costumes,

crises econômicas, violência urbana, pertencimento identitário e outros temas que os interlocutores expõem em suas narrativas. Como assinalam as antropólogas Ana Luisa Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert:

Os espaços urbanos construídos e vividos como objeto do estudo etnográfico vão se revelando não meros reflexos de políticas urbanísticas, mas suportes de tradições biográficas de seus habitantes, cujas narrativas expressam uma linguagem coletiva que comunica uma pluralidade de identidades e memórias. As experiências em suas trajetórias são interpretadas e comunicadas na forma narrativa. Neste tempo do jogo da memória, a forma narrativa agencia os fatos em intrigas reconfiguradas para interpretação dos interlocutores que integram na condição pública com a memória compartilhada²⁴.

Dessa forma, podemos compreender que as memórias sobre o centro histórico de Campos são interpretadas por seus interlocutores e expressam a ligação com esse lugar. Como afirmou Michel Pollack “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade (1992:5), mas, as reconfigurações em consequência de recorrentes intervenções urbanas também realizam transformações nessas memórias, com isso estão sempre sendo atualizadas.

A memória é mutável. O mundo moderno renovou seus suportes de tradições. A metáfora do *flanêur*²⁵ utilizada por Walter Benjamin, daquele que caminha pela cidade procurando sentido nas novas experiências de uma paisagem fragmentada, traduz bem essa sensação de algo que se perdeu com a aceleração do tempo e da informação. Os percursos de memórias narrados sobre o centro histórico de Campos nos transportam para outro tempo, a paisagem urbana é interpretada pelos usuários do espaço de maneira híbrida com referências de um tempo passado e um tempo presente.

Segundo a autora Regina Abreu (2012) os patrimônios presentes nas paisagens das cidades modernas passaram a ter uma nova funcionalidade, essas iniciativas tomadas em relação ao patrimônio são medidas seletivas, possuem novos significados e novas apropriações de elementos do passado, dessa forma elas podem ocultar e silenciar memórias ao contemplar as escolhidas. “Ao selecionar um aspecto de memórias múltiplas e polissêmicas e ao concentrar os esforços para iluminar esse único aspecto, o movimento de patrimonialização seria também um movimento de apagamento” (2012:22).

A narrativa é um ato de compartilhar experiências vivenciadas pelo narrador junto ao ouvinte, memórias tanto individuais quanto coletivas e, é por meio delas que procuramos desvendar as múltiplas memórias presente na cidade de Campos/RJ.

²⁴ ROCHA, ECKERT: 2013:203

²⁵ Aquele que caminha, passeia lentamente pela cidade.

3.2 As entrevistas

Minhas tentativas de abordagens no campo foram inúmeras, os comerciantes são sempre muito desconfiados com relação a pessoas que não conhecem. No início do trabalho de campo cheguei a pensar que seria impossível conseguir realizar alguma entrevista. Porém, depois de muito persistir e investigar, descobri quais eram os comércios mais tradicionais do centro da cidade, perguntando a alguns amigos moradores da cidade. Assim que parti para o campo pude me apresentar aos comerciantes explicando minha pesquisa. Dessa maneira, apesar da maior parte deles recusarem o convite, recebi resposta positiva de três comerciantes que aceitaram contribuir com a pesquisa.

Duas das entrevistas realizadas ocorreram no interior das lojas com o auxílio de um gravador, com a exceção do Senhor Eraldo que é meu vizinho de bairro e tive a oportunidade de ser bem recebida em sua casa. Logo depois, as entrevistas foram transcritas e trabalhadas conjuntamente para que ajudassem a levantar relevantes questões sobre as memórias do centro histórico da cidade. Neste início da pesquisa três interlocutores foram entrevistados graças à disponibilidade que se colocaram sempre de forma acessível, foram eles: Sr. Ronaldo, Sr. Eraldo e Sr. Almir. Excelentes narradores, todos os três tinham muito para contar sobre seu ponto de vista em relação às transformações do lugar onde trabalharam durante toda uma vida profissional.

Neste início quis seguir trabalhando com o método da história de vida, que possui muitas vantagens e proporcionou a realização dessa pesquisa. Mas, para que o foco fosse mantido usei um roteiro com três principais tópicos: 1) As suas trajetórias profissionais no centro 2) As percepções sobre as transformações físicas e socioeconômicas do centro da cidade e 3) As percepções sobre as intervenções urbanas do centro.

Primeiramente, o entrevistado contava para mim a sua trajetória, como tudo começou e as suas dificuldades e sucessos. Essa primeira pergunta fazia com que os entrevistados descrevessem o centro da cidade de Campos há quarenta anos, como era o comércio, o desenvolvimento da economia local e a vida social nesse lugar. O entrevistado desenhava um modelo comparativo de como o lugar era antigamente e de como é no presente.

Nos relatos apresentados nessa pesquisa é evidente o sentimento de nostalgia e pertencimento local nos fatos ocorridos que são contados e a partir disso surgiam nas recordações de lembranças de uma vida interiorana simples que podia ter a esperança na

ascensão social através do comércio. As histórias individuais apresentadas aqui estão sempre ancoradas em um lugar específico: o centro da cidade.

Depois de realizadas as entrevistas com os comerciantes locais, optei por entrevistar duas historiadoras campistas: Larissa Manhães e Maria Alice Pohlmann, ambas trabalharam em suas pesquisas de pós-graduação com o contexto histórico da cidade de Campos. As entrevistas tiveram a intenção de realizar um levantamento dos fatos históricos e também esclarecer como o município vem tratando a questão da memória e do patrimônio cultural.

Pude chegar até a Larissa por intermédio de minha irmã, Gabriela, as duas trabalham juntas no arquivo público municipal da cidade de Campos. A professora Maria Alice também já conhecia da minha graduação em ciências sociais, pelo menos duas vezes ao ano Maria Alice leva os alunos de ciências sociais no centro de Campos, foi nessa aula em campo que conheci a professora que na ocasião nos apresentou um pouco da trajetória do centro histórico da cidade.

3.3- A trajetória da livraria “Ao Livro Verde” na cidade de Campos: a estória de uma livraria centenária

Contar a trajetória da livraria “Ao livro Verde” é descrever um pouco da história da formação da cidade de Campos, a livraria está localizada no centro de Campos, na Rua Governador Teotônio Ferreira de Araújo, número 66. A estória da livraria reúne fatos que pertencem a uma memória coletiva de lugar, não é surpresa que tenha entrado para o livro do literário José Cândido de Carvalho, em seu romance “O Coronel e o Lobisomem”²⁶, onde o autor escolheu a livraria para ser o escritório de seu personagem, no segundo andar da “Ao livro verde” é onde funciona o fictício escritório do Coronel Ponciano de Azeredo Furtado, personagem do livro, conta Ronaldo:

Tem um romance do livro “O Coronel e o Lobisomem” do autor José Cândido de Carvalho²⁷ que ele cita o nome da livraria ao decorrer do romance. Meu pai tinha uma grande amizade com o José Cândido. Ele era muito amigo de meu pai, está vendo aquela foto? São os dois juntos. Ele descreveu no livro a livraria como o lugar de escritório do personagem coronel, o escritório é no andar de cima da livraria. O livro é sobre a baixada de Campos. Na baixada as pessoas tem uma maneira diferente de falar. Ele achou aquilo interessante e escreveu sobre isso ²⁸.

²⁶ A obra “O coronel e o lobisomem” inspirou um filme conta a história de Ponciano de Azeredo Furtado, um coronel senhor rural da região canavieira do norte fluminense.

²⁷ José Cândido de Carvalho foi um jornalista, escritor romancista nascido em Campos, trabalhou em jornais locais como “Gazeta do Povo”, “Monitor Campista”, “O Dia”. Em 1974 foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira 31.

²⁸ Ronaldo em entrevista concedida.

A livraria faz parte do centro histórico da cidade, sendo ela um prédio histórico está protegida pelo Conselho de Preservação do Patrimônio Cultural – o COPPAM. Atualmente Ronaldo Sobral é o proprietário da livraria mais antiga do Brasil. A livraria teve dois proprietários antes de seu pai assumir a frente do comércio, o fundador português, José Vaz Coimbra, e o alemão Max Zuckner. “Ao Livro Verde” foi inaugurada em 1844, pelo português José Vaz Coimbra, inicialmente com objetivo de fornecer artigos de luxo a uma elite européia que já estava estabelecida na região, principalmente os ricos barões do açúcar. Ronaldo conta em sua narrativa sobre o início da trajetória da livraria que por ser centenária presenciou uma grande parte da história da colonização da Capitania de São Tomé, onde aconteceu um povoamento massivo de portugueses, desbravadores dos brejos campistas, narra Ronaldo:

“O Rio Paraíba do Sul era navegável da Foz até São Fidélis, existia até uma companhia de vapores. Ia de São Fidélis até Niterói. E em São João da Barra existia o Cais do Imperador. Essa região estava tomada por europeus, principalmente os portugueses e os holandeses. Quando começaram a chegar nessa região se estabeleciam e viraram os coronéis da cana, do açúcar e do café. Chegavam também muitos navios negreiros, esse local era um ponto estratégico e se você observar no mapa do Brasil está localizado bem no centro em direção a África. O continente africano estava localizado geograficamente numa reta em relação a Campos dos Goytacazes e este percurso eles faziam para desembarcar aqui. Havia um grande comércio de escravos, ia muita mercadoria pra Europa, madeira, tudo que o Brasil tinha de valor e interessava Portugal. Todas as mercadorias iam para outros países da Europa. Saíam do Porto. O português José Vaz Corrêa Coimbra que fundou a livraria em Campos, ele notou que havia uma necessidade em atender aos portugueses e europeus que se encontravam na região. A necessidade era de uma livraria e de mercadorias que eram do ramo de livraria, como: perfumaria, uma gráfica, objetos para presente. Perfumaria de perfumes franceses, talco, sabonete e *shampoo*. Tudo vinha de lá. E atendia essa demanda. Por que os portugueses que vieram pra cá se tornaram coronéis, do açúcar e do café, eles trouxeram as famílias da Europa e se estabeleceram aqui. Trouxeram professores de lá, trouxeram tudo, e esse português, o José Vaz Correa Coimbra, ele importava os livros da Europa, apanhava em São João da Barra as encomendas dele e abriu a livraria dele em 13 de Junho de 1844, ele abriu a livraria pra atender essa demanda. E os portugueses traziam os professores na comitiva. Muitos livros de música, partituras para piano e isso tudo se vendia aqui. E havia essa necessidade”²⁹.

É interessante observar que a narrativa de Ronaldo enumera lugares e acontecimentos históricos, é, sobretudo a evocação de uma memória coletiva com objetivo de contextualizar o cenário da época que possibilitou a abertura da livraria “Ao Livro Verde”.

²⁹ Ronaldo em entrevista concedida.

A memória é um instrumento de poder, sobre esse ponto de vista o historiador Jacques Le Goff (1990), enfatizou em sua obra o importante compromisso que os estudiosos possuem para efetuarem uma “democratização das memórias”, já que “a historiografia esta intimamente ligada a uma classe social dominante que a identificação dessa classe com a nação significou ausência de memória”³⁰. A memória coletiva da cidade de Campos é contada na maioria das vezes por meio de documentos escritos pelos viajantes europeus colonizadores e pouco se sabe sobre a memória indígena e negra da região, como Ronaldo chama atenção no relato, a cidade de Campos recebeu uma quantia bastante significativa de escravos, mas o que impera são os relatos de viajantes que evidenciam o “choque de cultura”, descrições que qualificam os índios goitacazes como bons remadores, nadadores e lutados, mas, principalmente destaca-se nesses relatos a maneira violenta que a Capitania foi povoada - os massacres das tribos indígenas para em seguida fazer da escravidão dos negros africanos que trabalhavam nas lavouras uma possibilidade de riqueza os aristocratas fluminenses.

Percebemos no relato do interlocutor que o comércio local pode se desenvolver graças a necessidade da elite que estava se formando nesse período, o comerciante português José que observou a ampla demanda de produtos importados que a elite necessitava e em 1844 inaugurou a livraria, o evento teve uma ampla repercussão e foi noticiado no jornal local “*O Monitor Campista*”:

" *Loja do livro verde, rua da Quitanda n. 22*

José Vaz Correia Coimbra e C.^a, anúncio ao respeitável publico que acabão de abrir sua casa de negocio, com a denominação acima especificada, na qual se acha para vender o seguinte: um variado sortimento de obras e mais pertences para escolas de instrução primariae secundaria de latim e francez, bem como novellas, historias e romances; musica de cantoria e para pianno, e vários instrumentos de corda e sopro; papel almço e de peso de differentes qualidades, dito de Hollanda, e outros accessorios para escriptorio; perfumarias, miudesas, livros pautados e em branco, um lindo sortimento de jóias do ultimo gosto, drogas medicianaes e para pintura, broxas e papelão de números sortidos, o verdadeiro rapé Bernardes, que já supre a falta do princesa de Lisboa, excellente chá hisson, bem como outros muitos artigos que se hão de anunciar. Os annunciantes se propõem a servir e por preços razoáveis, as pessoas que queirão honrar com sua confiança"³¹.

No noticiário do jornal podemos notar os produtos importados que eram mais consumidos pela elite local no ano de 1844. Esses produtos chegavam através do Cais do Imperador que estava localizado na Vila da Rainha, atual Município de São João da Barra, a Vila foi elevada a categoria de cidade no ano de 1677³².

³⁰ LE GOFF 1990:477

³¹ O Monitor Campista, ed. 419, 2/7/1844

³² LAMEGO: 1945: 163

O comerciante Ronaldo continua sua narrativa sobre a história da livraria, segue descrevendo a importância histórica de seu comércio que agrega um valor inestimável ao centro histórico da cidade, ele cita algumas figuras públicas locais que vão aparecendo de acordo com que a sua narrativa vai avançando, os três antigos proprietários da livraria, os personagens políticos locais, os frequentadores, todos detalhes que vão compondo um desenho do contexto da época, não ficou de fora também os grandes acontecimentos históricos como: a abolição da escravidão e as guerras mundiais, conta:

“E a livraria flutua entre a ficção e a realidade. Para a livraria estar hoje com 170 anos e ter essa história toda! Parece ficção! Mas não é! Ele atendeu a esses imigrantes todos e ficou por muito tempo trabalhando e depois teve uma época que ele vendeu pra outro português, Manoel Joaquim Miranda Salgado, que deu continuidade e as coisas foram acontecendo. Em 1888 houve a abolição da escravidão em Campos, tiveram vários personagens que lutaram contra a escravidão, José do Patrocínio³³ e outros, como Nilo Peçanha³⁴. A livraria era o centro de conversas dessas pessoas, eu imagino que isso aqui deveria ser um lugar de encontro dessas pessoas. Tem uma lenda que dizem que a Princesa Isabel comprou a pena aqui pra assinar a Lei Áurea. Isso é lenda, mas é legal! Quer dizer, é uma coisa que a gente tem muito zelo. Depois vieram as guerras, duas guerras mundiais. Esta casa foi de uma disciplina muito grande no seu ramo. Foi livraria, gráfica, perfumaria, papelaria, objetos pra presente e editora. No começo não tinha muito método de ensino, o livro às vezes servia para muitos anos, o primário era o mesmo livro do primeiro ao quinto ano, as pessoas não tinham muita diversidade de livros como tem hoje. E a livraria fabricava em sua tipografia os livros. Era uma casa editora também”³⁵.

A livraria sempre esteve situada no centro econômico da cidade, onde os boatos correm rapidamente, as figuras públicas locais durante muitas décadas se reuniam para falar de política ou para se desfrutarem de uma vida boêmia. Ronaldo comenta que os proprietários contribuíram também para o desenvolvimento de um ensino educacional e cultural na cidade importando livros de alfabetização, de artes e música.

A cidade, pólo cultural e econômico fervia. No século XIX foi a primeira cidade da América Latina a receber a energia elétrica, sua visibilidade se deu por conta da larga produção do açúcar, havia uma grande quantidade de engenhos e usinas espalhados. Nesse período próspero conta-se que Dom Pedro II visitava constantemente a cidade por convite de uma elite política local que tinham o plano de trazer a Capital da Província do Rio de Janeiro para Campos, ansiavam por mais autonomia, porém a cidade de Petrópolis foi à escolhida.

³³ José Carlos do Patrocínio foi um jornalista e ativista político destacou-se como uma das figuras públicas mais importantes do movimento Abolicionista e Republicano no país.

³⁴ Nilo Procópio Peçanha foi um político brasileiro, assumiu a Presidência da República após o falecimento de Afonso Pena em 1909 governando até 1910.

³⁵ Ronaldo em entrevista concedida

Ronaldo em sua narrativa cita algumas figuras políticas locais que marcaram a história do país como o político José do Patrocínio, campista, filho da união do padre João Carlos Monteiro com a escrava e também quitandeira da Praça das Verduras do centro da cidade, Justina Maria do Espírito Santo, que trabalhava na casa dele. José do Patrocínio nasceu no ano de 1853, em 1868 se muda para a Província do Rio de Janeiro, para cursar farmácia, foi também quando iniciou sua carreira de jornalista escrevendo para jornais estudantis, tornou-se reconhecido na imprensa da Corte, combateu a situação do escravo no Brasil utilizando a imprensa, em 1875 fundou “Os ferrões” publicando sátiras e polêmicas, se tornou mais tarde o redator do jornal “Gazeta de Notícias”, e com dinheiro emprestado do sogro fundou o jornal “Gazeta da Tarde” no qual publicava matérias sobre a luta pela abolição, “com uma escrita direta e até mesmo agressiva arrumou inimizades com jornalistas, fazendeiros escravocratas e juristas, criticava abertamente o imperador, D. Pedro II, a Monarquia e a escravidão (...)”³⁶. Tendo em vista o seu destaque, José do Patrocínio foi incluído no grupo dos abolicionistas, aqueles que lutavam para o fim da instituição escravista no Brasil, entre eles estavam figuras como Joaquim Nabuco e André Rebouças.

Outro importante personagem local que merece destaque foi Nilo Procópio Peçanha era chamado pela elite social de Campos de “mestiço de Morro do Coco” que o ridicularizavam por ser negro e filho de escrava, homem letrado formou-se em direito em Pernambuco, foi uma grande figura política campista. Nascido no ano de 1867, advogado, foi eleito deputado aos 24 anos de idade pelo Partido Republicano Fluminense em 1891, posteriormente eleito Senador em 1903, e Presidente da República no ano de 1903. Mas qual era a sua relação com a elite campista?

De acordo com a historiadora Heloiza Alves que escreveu sobre a trajetória do político campista, Nilo Peçanha iniciou sua carreira política em Campos a partir do ano de 1881, quando participou do movimento abolicionista e republicano, “em 1886, é articulista do jornal Gazeta do Povo, fundado por João Barreto, sobressai com artigos embebidos dos ideais liberais. É um dos ativistas políticos mais combatentes na defesa da abolição dos escravos”³⁷. Junto de seus colegas³⁸ pertencentes à Sociedade Campista Libertadora, Nilo Peçanha percorreu algumas cidades no norte fluminense fazendo campanha e ao mesmo tempo se opôs a escravidão disseminando idéias liberais.

³⁶ VASCONCELOS: 2011: 25

³⁷ ALVES: 2013:49

³⁸ João Barreto, Amaro Bastos Renner e Francisco de Paula Guimarães.

O período entre 1890 a 1930 foi palco de grande efervescência para a política fluminense, tanto Nilo Peçanha quanto José do Patrocínio foram personagens locais importantes ainda muito presente na memória da cidade, sempre lembrados e homenageados com estátuas e com seus nomes em ruas, praças e escolas.

Ronaldo se lembra dessas figuras políticas em seu relato imaginando que eles eram freqüentadores da livraria, por isso escrever sobre a estória da livraria “Ao Livro Verde” é reconhecer esse comércio como um lugar de memória que presenciou momentos de crises políticas e sociais ao longo das décadas, conseguindo resistir a crises e chegar ao século XX consagrada como a livraria mais antiga do país, entrando para o livro dos records *Guinness Book*, em 1995, explica Ronaldo:

“Eles me procuraram, exigiram documentos, até o Doutor Tinoco³⁹ ficou espantado de como nós conseguimos, ficou espantado na hora. Abraçou-me, me deu os parabéns porque a livraria estava no Guinness e é muito difícil entrar no Guinness!”⁴⁰.

Imagem 08 – Ronaldo Sobral recebe a Comitiva do vereador Albertinho e exibe a capa do livro *Guinness Book* de 1995, onde foi catalogada a livraria “Ao Livro Verde” como a mais antiga livraria do país.



Fonte: Blog Claudio Andrade.

Imagem 09 - João Sobral, à esquerda, e à direita seu amigo ilustre, o escritor romancista e membro da Academia Brasileira de Letras José Cândido de Carvalho.

³⁹ Amigo de Ronaldo, da tradicional família Tinoco.

⁴⁰ Ronaldo em entrevista concedida.



Fonte: Ronaldo Sobral

Imagem 10 - Ronaldo Sobral à direita, João Sobral à esquerda recebe a ilustre visita de seu amigo o Senhor Austregésilo de Athayde, escritor e membro da Academia Brasileira de Letras.



Fonte: Ronaldo Sobral

Imagem 11- A antiga typografia da livraria “Ao Livro Verde” e seu quadro de funcionários da época



Fonte: Ronaldo Sobral

Imagem 12 - O Prédio da Livraria “Ao Livro Verde”, situada na Rua Vinte e Um de Abril.



Foto: Paula Pimentel

3.4 Relatos do Sr. Eraldo sobre a papelaria “A Festival”: o centro como um lugar de memória

O segundo entrevistado que contribuiu para a investigação sobre a memória do centro histórico de Campos foi o senhor Eraldo, proprietário da papelaria “A festival”, situada na Praça São Salvador, número 69. Sua carreira é um caso de ascensão social, de funcionário da papelaria “A normalista”⁴¹ passou a ser proprietário de seu próprio negócio e apesar de muitas dificuldades obteve sucesso profissional, a papelaria se tornou tradicional na cidade de Campos e está há 43 anos no mesmo ramo.

Nascido em Morro do Coco, 12º distrito do Município de Campos dos Goytacazes/RJ, Eraldo se mudou para a cidade de Campos dos Goytacazes ainda jovem, depois que sua mãe veio a falecer. Foi então que ao se mudar para a casa de sua madrasta, localizada na Rua Sete de Setembro no bairro central da cidade conseguiu o seu primeiro emprego no famoso e extinto “Bar São Jorge” próximo de sua casa. O bar era muito famoso naquela época, frequentado pela elite campista como usineiros e figuras públicas locais, o lugar era um ponto de encontro que estava sempre movimentando uma das principais ruas do centro, a Rua Sete de Setembro.

A área central da cidade cresceu partindo de dois pontos: A Praça São Salvador, onde se desenvolviam as práticas sociais, políticas e econômicas, e o Rio Paraíba do Sul que possibilitava a circulação de pessoas e mercadorias para as redondezas.

A narrativa de Eraldo é rica em detalhes, descreve passo a passo como conquistou êxito profissional, sua maneira de trabalhar; como era seu patrão, o ambiente de trabalho e as figuras públicas que conheceu naquela época. Eraldo conseguiu seu segundo emprego na papelaria “A normalista”, lá segundo ele foi a sua escola profissional, conta:

“A papelaria “A Normalista” foi uma escola pra mim. Sempre tive vontade de ter algo pra mim. Lá eu casei, trabalhando na “A Normalista”; ganhando um salário mínimo. Queria melhorar de vida. Meu primeiro emprego foi em um bar. Era na rua sete. Bar São Jorge. O dono era irmão do Alair Ferreira⁴², deputado federal, muito conhecido. Ali eu trabalhei de tamanco português nos pés, e eu vim da roça. Morro do Coco. Eu sou de lá. E aqui em Campos eu morei com minha madrasta, na Rua Sete. Então eu aprendi a fazer embrulho, foi nesse bar. Minha mãe faleceu e tudo, e tal, aí; espalhou os irmãos com os tios, com as avós, e eu fiquei com minha madrasta

⁴¹ A papelaria “A Normalista” se localizava na Praça São Salvador.

⁴² Alair Ferreira foi um industrial, político e tesoureiro da Santa Casa de Misericórdia em Campos dos Goytacazes, a entidade ainda mantém alguns imóveis locados na área central.

ali na Rua Sete. Então eu arrumei esse serviço no Bar São Jorge, também trabalhei nove anos e pouco. Eu com seis anos ali eu era o gerente deles ⁴³.

Eraldo em sua narrativa revela aspectos de um centro histórico pouco conhecido pela população campista jovem, chama atenção o prestígio que o lugar tinha nesse período que era muito frequentado pela elite campista, o centro representava o único lugar da cidade onde tudo acontecia, um verdadeiro palco de sociabilidades. O Bar São Jorge citado por Eraldo era frequentado por figuras locais como Hugo Aquino e Finazinha Queirós, ambos são personagens ilustres da memória local, conta Eraldo:

“Ali foi uma escola, ali eram dois irmãos, os donos. Eu entendia que um trabalhava de dia e o outro a noite. Dava gente importante e lá eu atendia a finazinha Queirós⁴⁴, parava o carro na porta, a gente tinha que ir ao carro mostrar pra ela e explicar o que tinha. Havia bons artigos que vendiam lá, artigos importados. Bons whiskes! Lá era famoso! O pessoal da classe alta comprava lá: Hugo Aquino⁴⁵, Usina São João, Usina Santa Cruz⁴⁶, era uma firma boa. Então eu sabia trabalhar com um e com outro. O trabalho de dia era um tipo de serviço, o da noite é outro tipo de serviço também, mais veloz! Um cara era estabanado, o outro era calmo:- Muito obrigado! Volte sempre! Aquela educação com o cliente, já o outro era mais estabanado, mais veloz, avoadado. E eu sabia trabalhar com os dois” ⁴⁷.

Dona Maria, mais conhecida como Finazinha Queirós nascida em 2 de novembro de 1887, filha de Benedito de Azevedo Queiroz e Thereza Linhares Tinoco Queiroz, o casal era proprietário de uma casa bancária localizada na Praça São Salvador. Finazinha casou-se com o engenheiro Atilano Chrisóstomo de Oliveira, mas ficou viúva posteriormente. Finazinha é conhecida na cidade por todos como a “Rainha da Bondade”, conta a historiadora Larissa Manhães:

“A finazinha era conhecida por ser uma senhora bondosa. A família do meu pai era de Saturnino Braga, local em que o marido dela o Atilano Crhisóstomo tinha uma usina. Ele conta que todo o fim de ano ela distribuía brinquedos para as crianças e que por isso era muito querida na localidade. Como também não lembrar da família Barroso? Contam os memorialistas que eram também bem feitores aqui da região e que teriam libertados os escravos da fazenda antes da assinatura da Lei Áurea. É engraçado porque de tanto ouvir essas histórias as vezes parece que a gente se torna parte delas e que participou ou viu tudo o que acontecia por aqui” ⁴⁸.

⁴³ Eraldo em entrevista concedida.

⁴⁴ Maria Tinoco Queirós era mais conhecida como “Finazinha” Queirós.

⁴⁵ A família Aquino é conhecida por terem fundado as *Indústrias de Bebidas Joaquim Thomaz de Aquino Filho*, são os proprietários da indústria que produz o tradicional e famoso conhaque de alcatrão no Município de São João da Barra desde 1908.

⁴⁶ Aqui Eraldo revela que os donos das usinas São João e Santa Cruz frequentavam o Bar São Jorge

⁴⁷ Eraldo em entrevista concedida.

⁴⁸ Larissa Manhães, historiadora do Arquivo Público de Campos em entrevista concedida.

As estórias das famílias tradicionais campistas como relatadas acima são sempre contadas e recontadas, permanecendo na memória coletiva da cidade. O marido de Finazinha, o engenheiro Atilano Chrisóstomo de Oliveira montou a sua oficina de fabricação de moenda de cana na Rua Beira Rio, após ter regressado do exterior. Em 1907 Atilano era dono da Usina de Mineiros e da Usina de São Pedro do Paraíso. O usineiro construiu na cidade um prédio em 1918, a casa Villa Maria que foi dada como um presente para a Finazinha, a casa é conhecida por ser um conjunto arquitetônico em estilo eclético, e é protegida por lei de tombamento. Após a morte de Dona Maria o prédio foi doado para a Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro e funciona a Casa de Cultura Villa Maria em homenagem a Finazinha. Os relatos chamam a atenção para os personagens locais que frequentavam o centro histórico comercial, os comércios mais famosos da época tinham sempre o prestígio da elite campista. Seguindo com o relato o comerciante explica como os comércios tradicionais foram fechando, conta:

“Aquilo foi acabando aos poucos porque os donos foram ficando velho, os clientes foram morrendo também, as coisas foram piorando e os dois irmãos decidiram fechar. Primeiro o Alair morreu. Tinha outro contador que morreu também, depois morreu o pai deles. Os filhos não deram continuidade, ninguém quis tocar aquele negócio! Meu patrão era piloto do Aero Clube de Campos⁴⁹, então o pessoal do Clube tinha reunião toda semana lá. Pessoal do Banco do Brasil, Camisaria Cordeiro⁵⁰, tudo isso movimentava muito o bar. Tudo da aeronáutica, pessoal de fora fazia reunião lá. E aquilo trazia renda pra eles lá. Acabou-se aos poucos. Fechou! Anos 50 isso. Aquela Rua Sete se acabou, depois que tiraram os pontos de ônibus; se acabou! Era um movimento doido, tinha os pontos dos ônibus e tinha uma sorveteria, a Sorveteria Americana⁵¹ que era o melhor sorvete de Campos, acabou! Depois que tiraram os ônibus e a sorveteria acabou com tudo! Nada foi pra frente, só quem ta lá hoje é a Padaria Nossa Senhora da Penha⁵². Daquela época não tem mais ninguém ali”⁵³.

O Bar São Jorge foi apenas um dos comércios entre vários que foram fechados nos anos 50, Eraldo conta que por falta de um herdeiro que quisesse dar continuidade com o negócio o bar acabou e, por conseguinte o movimento do centro foi diminuindo aos poucos, a rua Sete de Setembro, está localizada entre a rua Felipe Uébe e a rua do Gás.

Imagem 13 – A antiga Rua Barão de Cotegipe, onde fica a Padaria Nossa Senhora da Penha

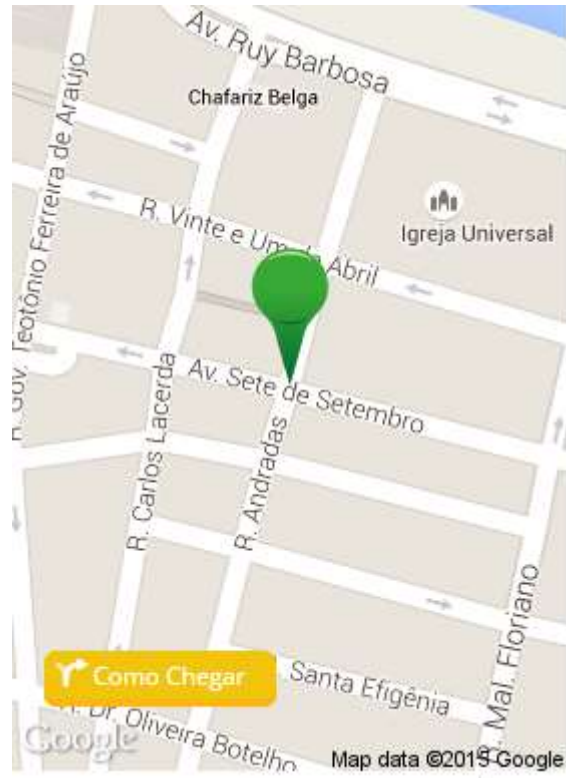
⁴⁹ O Aero Clube de Campos foi fundado no dia 10 do ano de 1941.

⁵⁰ Antiga loja de camisa.

⁵¹ Antiga sorveteria.

⁵² A Padaria Nossa Senhora da Penha fica na Rua Andradas, no centro.

⁵³ Eraldo em entrevista concedida



Fonte: Google Maps

Imagem 14 - O prédio da papelaria “A Normalista”, ao lado a “Casa Patrão”, na Praça São Salvador, em 1961.



Fonte: Arquivo Público de Campos

Eraldo relata as redes de relações que mantinha naquela época com os seus vizinhos comerciantes da área central da cidade, tendo ele conseguido estabelecer uma relação amigável ao longo de sua carreira profissional, e isto o ajudou na expansão de seu pequeno negócio, conta ele:

“Em 75 eu conheci muito aquele pessoal do “Caldo Andrada”⁵⁴, do “Caldo Ideal”⁵⁵, que era vizinho da “A Normalista” né? Quando trabalhava na “A Normalista”, eu saía pro café, eu saía da “A Normalista” ia ao “Calda Andrada”, “Caldo Ideal”, comprava uma balinha, eu chupava, dava uma volta na 28 de Abril, Santos Dumont, subia a rua Sete de Setembro e ia pra loja porque não tinha dinheiro pra fazer lanche, então chupava bala pra enganar o estômago. Em 75 cheguei lá nesse “Caldo Ideal” estavam lá os três irmãos: José, Vicente e Anita. Brigando um com o outro, zangando: - Porque não sei o que, não sei o que, que eu vou vender o bar! Ia acabar com aquilo! Aí me perguntou: - Você quer comprar isso daqui Seu Eraldo? - Compro! Compro! Você quer quanto? – Me paga x! - Eu dou tanto! O resto o Senhor divide pra mim! - Tá bem! Então eu vendo a você!”⁵⁶

Entre os anos 60-80 a cidade de Campos tinha mais características de uma cidade pequena e pacata, não havia alto índice de violência urbana, nessa época andava-se de bonde e ônibus elétrico. No trecho acima Eraldo relata sua relação com a vizinhança comercial, cita os comércios vizinhos daquela época, como o estabelecimento do Caldo Andrada e o Caldo Ideal que estavam localizados próximo à Praça São Salvador. Nesta época Eraldo conseguiu comprar uma loja comercial financiada, por causa de sua boa relação com os demais comerciantes do centro.

Imagem 15 – O prédio da papelaria A festival.

⁵⁴ A lanchonete Caldo Andrada era conhecida por vender caldo de cana, ou garapa, funcionou até o ano de 2002, ao lado do Hotel Gaspar, próximo ao Museu Histórico de Campos.

⁵⁶ Eraldo em entrevista concedida



Fonte: Google Maps

3.5 Relatos do Sr. Almir sobre a loja “Flora Econômica”: Percepções sobre as transformações na paisagem do centro histórico

Os relatos citadinos do comerciante campista Almir descrevem uma série de mapeamentos do território, nomes de estabelecimentos que não existem mais na área central da cidade de Campos/RJ, mas que continuam sendo lembrados por seus nomes, essas lembranças de partes do tecido urbano desenham as tramas de mapas afetivos que envolvem a memória coletiva da cidade e a sua própria memória individual. Desde muito cedo Almir começou a trabalhar, aos 13 anos de idade e há 56 anos possui comércio no centro, como testemunha presenciou de perto as transformações da paisagem urbana. Seu primeiro emprego foi como vendedor no comércio no ramo de produtos naturais, seu patrão foi um comerciante sírio libanês, o senhor Chicri Hauaji.

Devido à queda das vendas no ramo de flora medicinal e a abertura de algumas farmácias na área central, os donos do comércio decidiram na época mudar de ramo de flora medicinal para artigos religiosos, permanecendo até hoje no ramo. Depois que seu patrão Chicri Hauaji⁵⁷, veio a falecer em 1980, Almir decidiu continuar no comércio, mesmo já aposentado

⁵⁷ A família de sobrenome Chicri Hauaji é tradicional na cidade de Campos que recebeu vários imigrantes sírios libaneses, conta-se que muitos tinham vocação para o comércio.

e entediado com o seu negócio. A mudança de ramo naquela época teve que acontecer devido ao aumento da concorrência com o surgimento das farmácias de manipulação, explica:

“Mudei o ramo, foi o Chicri Hauaji que mudou na época, ele mesmo que mudou. Ele é primo do Dib Hauaji⁵⁸, o fotógrafo aqui em Campos. Ele está muito doente, tem um filho médico. Era muito gordão, fez cirurgia pra perder peso. Disse que não tem mais perna e colocam dentro do carro, afinou muito. Emagreceu muito. Há um ano eu vi colocarem ele dentro do carro e cheguei pra falar com ele. Perguntei: - O que houve rapaz? Como você está? Aí; ele: - Perdi minhas pernas! Não tenho mais perna! E ele é primo desse patrão meu que já faleceu”⁵⁹.

Imagem 16 - A loja “Flora Econômica”, localizada na rua Barão do Amazonas.



Foto: Paula Pimentel.

Imagem 17 - Interior da loja “Flora Econômica”

⁵⁸ Dib Hauaji é comerciante, camelô e fotógrafo descendente de libaneses, tornou-se conhecido pela cobertura de eventos na cidade.

⁵⁹ Almir em entrevista concedida.



Foto: Paula Pimentel

Imagem 18 - O comerciante Almir no balcão de sua loja



Foto: Paula Pimentel

3.6- As disputas e os conflitos no centro histórico: entre a nostalgia das perdas e a nova economia de mercado

Os comerciantes Ronaldo, Eraldo e Almir deixam transparecer em suas narrativas uma nostalgia de uma época em que o centro da cidade era o único lugar que concentrava os comércios da cidade. A perda de uma clientela de classe média alta é vista por eles como uma perda de prestígio para o lugar, explica a historiadora Larissa Manhães:

“O que vem acontecendo com o passar dos anos é um deslocamento do comércio da cidade, mas do comércio que era voltado para as elites. Se você olhar os jornais do início do século XX, por exemplo, você vai encontrar diversos anúncios de lojas de fazendas, armarinhos, perfumes e outros gêneros que eram destinados a uma elite local e que ficavam localizadas no centro da cidade, em especial na região do Boulevard e da Rua Treze de Maio. Com o passar do tempo, o centro se tornou uma região de comércio mais popular e as lojas de produtos a serem comercializados para o público de classe média, média alta e alta foi deslocado para a Avenida Pelinca e outras áreas em que existem estacionamentos e que são frequentadas por esse público. Enquanto isso, os comerciantes do centro da cidade passaram a atender a uma nova demanda. É comum ver aos sábados, por exemplo, como o centro da cidade fica cheio. E fica porque são os trabalhadores que estão ocupados durante a semana que se deslocam para fazer alguma compra nesse dia de folga. Acho que esse desprestígio sentido pelos comerciantes, seja na verdade uma mudança de público. Se sentem menos prestigiados porque atendem a um novo público mais simples e mais humilde, e talvez menos fiel, com exceção a área de comércio do mercado municipal”⁶⁰.

O tecido urbano central possui diversos comércios populares espalhados pelas ruas principais e em torno da Praça São Salvador, mas é no Bairro Pelinca que estão os novos *shoppings centers* e as lojas mais modernas e refinadas que são frequentadas pela classe média e classe média alta. Podemos notar o contraste das características entre o comércio tradicional e o comércio moderno. Os comércios modernos são aqueles que investem na estética de suas lojas e na tecnologia informática, os comércios tradicionais são mais simples. Uns até possuem computadores, mas suas mercadorias ficam de maneira desorganizada nas prateleiras, como se estivessem amontoadas. São pequenas casas comerciais, muitos dos quais em prédios e casas antigos e estão em estado degradante, precisando de reformas.

O colorido das mercadorias penduradas para fora das lojas, as ruas estreitas e as calçadas amontoadas de pessoas é o contrário do que acontece no centro comercial do bairro Pelinca - as ruas são largas, as pessoas bem arrumadas, muitas usam salto alto e maquiagem, vão para passear, fazer compras em lojas de classe média. No centro comercial do centro da cidade, notamos um vai e vem tumultuado, próximo ao mercado municipal, um churrasquinho

⁶⁰ Larissa Manhães em entrevista concedida.

popular, com mesinhas, onde as pessoas param para fazer um lanche e tomar uma cerveja tendo como distração a música no rádio que é sempre muito animada.

O comerciante Ronaldo se lembra da época em que a prosperidade econômica do município ia bem e a sua clientela privilegiada eram os usineiros, mas com o declínio da produção do açúcar, todos na cidade que sobrevivem do comércio saíram perdendo, conta:

“As usinas de Campos fecharam todas! Nós vendíamos pra todas as usinas! Fornecíamos material escolar. Separávamos uns dez funcionários só pra atender o pessoal das usinas, mas nós perdemos isso! E todos perderam com isso, agora só restam duas ou três usinas no máximo”⁶¹.

A cidade de Campos no período entre 1930-1950 passava por um momento de prosperidade econômica e social em consequência do desenvolvimento da agroindústria açucareira. Segundo a historiadora Heloiza Alves, o cenário próspero de riqueza era tanto que a elite política da cidade almejava mais autonomia e poder com o plano de sediar a capital do estado, “a suntuosidade das edificações, o usufruto do luxuoso e o gosto pelo conforto marcavam o cotidiano da cidade. O passeio pela Praça São Salvador, as tardes na Confeitaria Americana, a ida ao Teatro Orion, São Salvador e assistir ao que se apresentava de mais atual em matéria de ópera e canto lírico”⁶². Com a falência dessa elite local, houve uma perda de poder econômico que se repercutiu na vida dos cidadãos. Muitos perderam seus empregos nas usinas e o comércio local teve que se adequar ao novo padrão de demanda de sua clientela. Com isso, os comerciantes locais do centro histórico se sentem desprestigiados pela mudança de funcionalidade do centro da cidade que, até os anos 70, era considerado o único lugar que oferecia variados tipos de serviços, palco da vida social campista e que depois passou a ser menos frequentado pela classe média alta da cidade e o centro histórico, que era extremamente prestigiado por uma elite poderosa, passou a ser mais frequentado pela classe popular da cidade e por uma classe média emergente.

Nesse território, há um recorrente embate entre o mercado econômico e o desejo por memória. O que está em jogo são as novas forças do mundo contemporâneo, a nova maneira de fazer negócio, o surgimento das novas tecnologias, ou seja, predomina uma força avassaladora de um capital que destrói e reconstrói a paisagem urbana, que modela e remodela práticas sociais e, conseqüentemente, as memórias.

Os interlocutores entrevistados sentem essas novas mudanças com dificuldade e temem pela falência de seus comércios, afirma o entrevistado Eraldo:

⁶¹ Ronaldo em entrevista concedida

⁶² ALVES, 2013: 72

“Naquela época era mais fácil você subir. Hoje é difícil. A tecnologia é diferente, mudaram muitas coisas. Essa tal de informática colocou a gente no bolso e eu não acompanhei. Eu só fiquei no bico do lápis, mas hoje não existe mais isso. E hoje tudo é informática. Entendeu? E eu não acompanhei”⁶³.

Eraldo neste trecho fala sobre o acirramento da concorrência enfrentada pelo comércio local e cita vários comércios que deixaram de existir, mas que ainda são lembrados na memória dos habitantes e moradores do lugar. O comerciante faz um mapeamento dessas transformações no espaço central, e segundo ele, a tendência dos que permanecem nesse território é a falência, explica:

“Então, quem me vendeu o ponto foi “O Caldo”, que era muito famoso, com mais de 50 anos de existência. E quando fechou foi até manchete de jornal da cidade: - O caldo fechou! Com mais de cinquenta anos de existência! Mas eu nem guardei esse jornal na época. Foi em 75. Dali daquela época; hoje só existe a padaria “Rainha do Pão Quente”⁶⁴, a “Foto Central”⁶⁵ também existe.

O movimento era muito bom naquela época, não tinha nada na cidade, tudo se despejava no centro. Os concorrentes eram meus amigos. “A normalista”, eu trabalhei lá. E hoje está assim, no sacrifício, pingando, pingando, até quando Deus quiser; se vai melhorar, piorar. Ali naquele prédio da Caixa Econômica era um café, “Café High Life”⁶⁶, muito famoso. A “Isalvo Lima”⁶⁷ não era ali, era nos altos da “Joalheria Guedes”⁶⁸. Não existia “Ponto Frio”, “Casas Bahia”, “Ricardo”⁶⁹. Da minha época, que permanecendo sendo os mesmos donos foi “A Feira Livre”⁷⁰, só melhorou os prédios, os irmãos e o pai deles. Eles estão lá há muitos anos. São três irmãos”⁷¹.

O comerciante Eraldo relata seu ponto de vista em relação às transformações socioeconômicas do centro histórico e acredita que a perda da clientela para os novos *shoppings centers* espalhados pela cidade levou à falência de muitos comércios da área central. Esse acontecimento teve relação direta com o surgimento de novos empreendimentos modernos que afastam as pessoas do comércio tradicional de Campos. Em sua narrativa, Eraldo faz uma comparação de como é consumir em um ambiente, como os modernos *shoppings centers*, e de como é consumir no centro da cidade. É verdade que os *shoppings* passaram a concentrar bares, cinemas e restaurantes enquanto o centro perdeu alguns desses

⁶³ Eraldo em entrevista concedida.

⁶⁴ A padaria Rainha do Pão Quente funciona há mais de 70 anos na Praça São Salvador, ao lado da Escola de Música Lira de Apollo.

⁶⁵ Empresa de revelação de fotos e álbuns para casamento localizada na Praça São Salvador.

⁶⁶ O Café High Life foi uma cafeteria muito famosa onde hoje funciona o prédio da Caixa Econômica Federal.

⁶⁷ A rede de Farmácia Isalvo Lima foi fundada em Campos e possui algumas filiais na cidade.

⁶⁸ A Joalheria Guedes foi extinta.

⁶⁹ Ponto Frio, Casas Bahia e Ricardo Eletro são grandes empresas transnacionais.

⁷⁰ Loja de brinquedos na Rua João Pessoa.

⁷¹ Eraldo em entrevista concedida

atrativos de lazer. O interlocutor revela, também, a divisão de classes que existe nesses dois ambientes de consumo.

Há tempos não se oferecem atrativos suficientes para manter a vitalidade e a diversidade do centro histórico, por isso, o comerciante teme que este acirramento da concorrência leve ao esgotamento daqueles que ajudaram a dar vida social ao lugar. Alerta ele:

“Eu acredito que; eu percebo isso! Que no comércio do centro, a tendência é acabar! Porque se você quer fazer uma compra, você não tem onde estacionar carro. Não tem! Então, no *shopping* você paga mais caro, no luxo, tem estacionamento. Tem de tudo. Paga caro, se diverte, fica ali o resto do dia inteiro; come, e é mais prático. Então a tendência do comércio no centro é acabar! Só está diminuindo. Não tem lugar pra estacionar, então eles preferem o *shopping*. Esse movimento fraco é geral! Agora; tem muita coisa no centro que no *shopping* você não encontra, muita coisa! Muitos artigos que no *shopping* não trabalha, mas o *shopping* é mais pro jovem; pra elite, pra classe alta. Porque o pobre mesmo, o pessoal que mora em favela não vai lá; no *shopping*. O pessoal que tem seu carro; sua condição quer passear, quer ir ao cinema, leva a criança pra ver filme. Mas é o pequeno que ainda dá uma assistência ao centro; a classe baixa, entendeu? A sorte daquele Mercado Público⁷² é que ele ainda tem preço”⁷³.

No trecho acima, Eraldo apresenta os motivos que, para ele, ocasionam a mudança de função e de público do centro da cidade quando enfatiza “é o pequeno que ainda dá assistência ao centro”, afirmando que a classe média alta campista, nos dias de hoje, pouco frequenta o centro da cidade por falta de comodidade no momento de consumo e lazer. Mas, apesar da perda de prestígio, devido à mudança de público consumidor, o centro da cidade possui muitos serviços e artigos que não se encontram nos *shoppings centers*. O relato do comerciante Eraldo evidencia que há uma divisão de classe social entre o público que frequenta os novos *shoppings centers* e o público que frequenta o comércio popular do centro histórico. Sua observação vai ao encontro com a entrevista da historiadora Maria Alice Pohlmann que relatou em entrevista concedida que o que realmente acontece nesses espaços públicos da cidade é uma forte segregação, explica:

“O centro antigo é mais frequentado pela população da periferia da cidade. Ele é bem popular mesmo e, após atravessar o valão, indo para o bairro Pelinca, ali está o centro da classe média e alta campista além dos shopping 28 e o Boulevard Shopping (na av. do Contorno bem longe da Pelinca e do centro). Já o shopping Parque Centro, o Centro de Compras da Pelinca e o shopping Pelinca Square (que considero centros de compras). Na realidade, para mim, há uma segregação, pois a

⁷² O mercado público da cidade é muito frequentado pela população, possui verduras, frutas e legumes frescos dentre outras mercadorias que fazem parte da culinária local.

⁷³ Eraldo em entrevista concedida

população da periferia não circula na Pelinca e o público da Pelinca não circula no Centro Antigo, entende?”⁷⁴

Como revela a historiadora Maria Alice, a cidade de Campos se dividiu em dois centros: o centro histórico que possui um importante significado identitário para a população e o moderno bairro de classe média alta Pelinca que possui os *shoppings*: Parque -Centro e o Pelinca Square, além do Shopping Avenida 28, localizado também próximo ao bairro da Pelinca, na Avenida 28 de Março. É verdade que o centro da cidade também possui *shoppings centers*, o Beira Rio e o Plaza Center, mas estes se distinguem muito dos outros, pois não possuem salas de cinema e nem as mesmas lojas dos demais, a estrutura também é bastante diferente. É importante destacar que o *Boulevard Shopping*, o maior *shopping* da cidade e mais frequentado pelos habitantes fica bastante distante dos dois centros da cidade.

É válido ressaltar que aconteceu o fenômeno do alargamento da classe média na cidade de Campos/RJ, neste ponto podemos fazer um link de como esses espaços vem sendo ocupados. Na visão dos interlocutores Maria Alice e Eraldo, há uma segregação entre o perfil de público consumidor nos *shoppings* e no centro, mas notamos que todos esses espaços possuem um público bem diverso de frequentadores que chegam aos *shoppings* de ônibus, principalmente o *shopping Boulevard* que é o maior da cidade. A contradição no relato de Eraldo pode ilustrar um sentimento negativo de perda de consumidores com o perfil que tinham na década de 70 onde a concentração de riquezas era ainda maior.

⁷⁴ Maria Alice em entrevista concedida.

Imagem 19 – Localização do percurso do Centro da cidade ao Shopping Avenida 28 (na Avenida 28 de março) - do Shopping Square Center ao Shopping Parque Centro (ambos na Avenida Pelinca) – do Centro ao Boulevard Shopping.

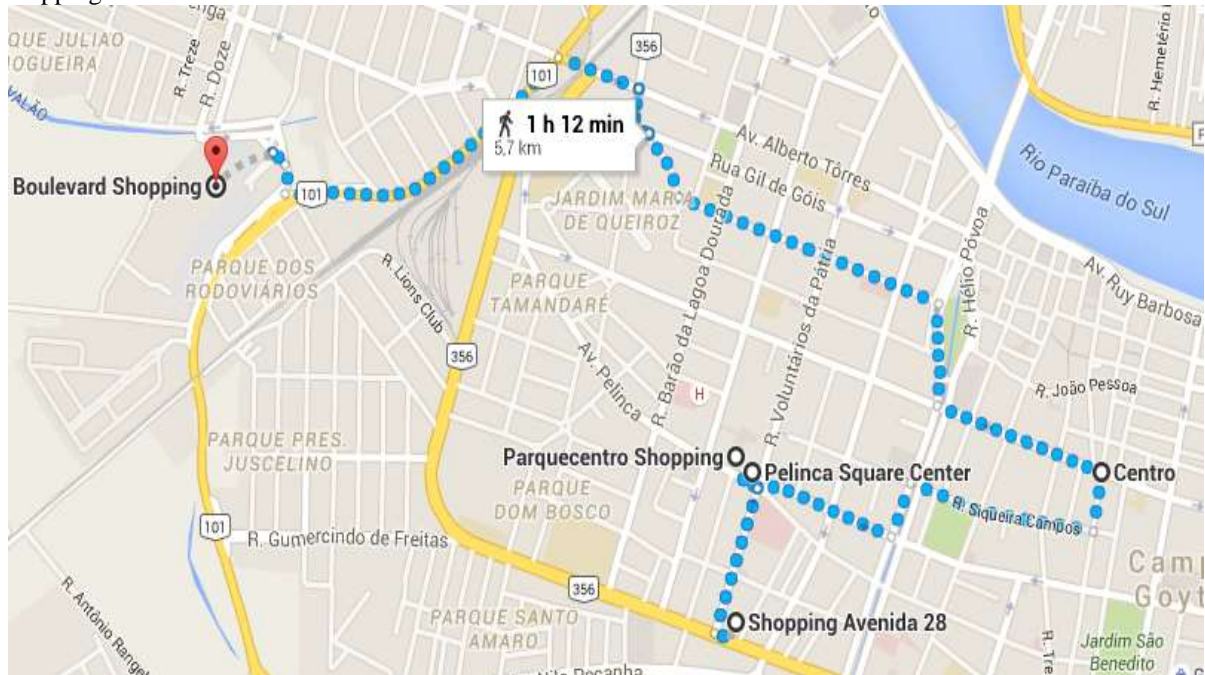
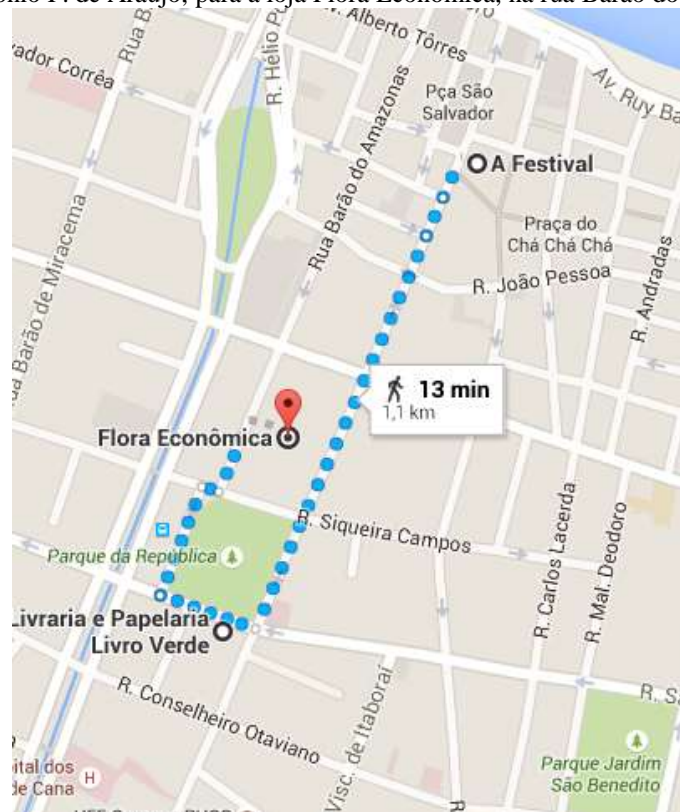


Imagem 20 – Localização do percurso da Papelaria A Festival, na Praça São Salvador, para a livraria Ao Livro Verde, na R. Gov. Teotônio F. de Araújo, para a loja Flora Econômica, na rua Barão do Amazonas.



Fonte: Google Maps

Imagem 21 - Rua Sete de Setembro, à direita o prédio do café High Life.



Fonte: Arquivo Público de Campos.

Imagem 22 – Prédio da lanchonete “O caldo”, em 1900



Fonte: Arquivo Público de Campos.

Imagem 23- Foto Central ou Kodak, ao lado a Escola de Música Lira de Apolo



Fonte: Site do Portal de Turismo da Prefeitura de Campos.

Imagem 24 –A Padaria Rainha do Pão Quente na Praça São Salvador



Fonte: Site do Portal de Turismo da Prefeitura de Campos.

3.7- A destruição e a preservação de um patrimônio: o que mudou?

O cenário socioeconômico do centro histórico se transformou bastante nos últimos cinquenta anos. O comerciante Eraldo descreve a época mais próspera de seu comércio em Campos; o ano de 1975; quando teve a oportunidade de investir na compra de um prédio no centro e fazer a sua casa própria no Bairro Caju. Conta como aconteceu:

Pra mim, a melhor fase foi de 75, a época do cruzado. Foi quando? Em 94 ou 92? Sei que até a época do Collor pra mim foi muito bom. Foi tão bom pra mim que inclusive eu não perdi nada! Nem um centavo! Eu comprei um prédio na Rua Barão do Amazonas. Demoli. Fiz outro prédio bom. Fiz minha casa. Eu vendi pra inteirar pra comprar este prédio que estou hoje, tudo na época do Collor. Esse prédio eu comprei velho e demoli e fiz um prédio de dois andares; vendi de graça, pra não poder perder ⁷⁵.

A narrativa de Eraldo chama atenção para as sucessivas demolições que sempre ocorreram na área central da cidade, o próprio comerciante demoliu um prédio na rua Barão do Amazonas nos anos 90. Sobre essas intervenções urbanas no centro histórico de Campos, a historiadora e assessora técnica da Fundação Cultural, Larissa Manhães, esclarece como o município tem reagido e afirma que, em decorrência do acirramento da especulação imobiliária do território, alguns proprietários fazem o que bem entendem com os prédios históricos, mas nos últimos anos a Prefeitura vem tomando algumas medidas mais duras em relação a essas perdas, como a fiscalização da área tomando iniciativas preservacionistas via tombamento e penalizando com multas os proprietários que demolem e alteram as características dos prédios. O órgão de proteção do Município é o Conselho de Preservação do Patrimônio Cultural – o COPPAM -, que vem desempenhando um importante papel de proteção desses bens materiais, apesar das dificuldades. Explica Larissa:

O que acontece é que o COPPAM é um órgão bastante reduzido, que conta com membros paritários e apenas três funcionários, que possuem muitas atribuições, inclusive a de fiscalizar a área de interesse histórico do centro da cidade. Em grande parte dos casos, quando há um pedido formal de demolição ou modificação de um bem que esteja na área de interesse ou que seja tombado, o pedido é encaminhado e analisado pelos conselheiros, mas mesmo quando o parecer é negativo, alguns desses proprietários desrespeita, e faz o que bem entende. Alguns desses bens que estão no centro se localizam em áreas em que a especulação imobiliária é ferrenha. Desrespeitar o Coppam pode ser muito lucrativo para os proprietários. Com a alteração da Lei do Conselho no ano de 2013, o Conselho passa a poder aplicar multas sobre a área demolida ou descaracterizada. Infelizmente a linguagem do dinheiro é a que fala mais alto, e por isso ela pode ser utilizada como uma via de

⁷⁵ Eraldo em entrevista concedida.

mão dupla. O lucro do proprietário agora pode ser revertido em uma dívida pública e uma enorme dor de cabeça para ele ⁷⁶.

Fica evidente na fala da historiadora que existe o desejo de resguardar essa memória do centro antigo da cidade, mas muitas vezes, diversos interesses se confrontam com a avassaladora força do capital, que remodela o espaço urbano, demolindo prédios históricos para construir novos empreendimentos, mais modernos e lucrativos. De acordo com a historiadora Maria Alice Pohlmann, essas demolições que aconteceram inicialmente no centro histórico foi uma das consequências negativas da grave crise que a cidade atravessou após o declínio econômico da indústria do açúcar. Explica:

Essas demolições ocorreram devido às famílias proprietárias desses imóveis estarem em declínio econômico, endividados e essas áreas sendo ideais para estabelecimentos, principalmente de bancos. Como aqui essa questão de patrimônio cultural sempre foi discutida por um grupo muito pequeno e com pouco força, não tinha como evitar tais demolições. Quero deixar bem claro, que não concordo com as demolições feitas, mas infelizmente essa é a dura realidade ⁷⁷.

O comerciante Almir fala sobre suas percepções em relação às dificuldades no setor comercial do centro histórico, mas o que chama atenção em seu relato é o mapeamento que faz dos elementos na paisagem urbana e também esclarece sobre o problema da especulação imobiliária que atinge o território, alguns acabaram fechando, outros permanecem ainda vazios devido à falta de locatários que sentem pesar a alta dos aluguéis. Assim como o comerciante Eraldo, Almir também percebe as transformações do lugar, e de prédios antigos que sofrem com a ação do tempo. Alerta:

É difícil. Vem caindo tudo! O comércio de Campos está morrendo! Se você vê o que tem de loja fechando entorno. Isso daqui tinha gráfica, restaurante, do outro lado tinha o palácio das antenas. Um imóvel alugando há três anos e está fechado! Uns três mais pra frente, e mais uns dois fechados. Aqui nessa Rua Barão do Amazonas também tem mais um ali na esquina. A perfumaria O Boticário comprou um imóvel ali, mas está fechada há dois, três anos que não mexem no comércio. Eu conheço o dono, ele deu um milhão e tantos a vista. Foi um imóvel tombado pelo patrimônio, você pode fazer tudo por dentro, mas não poder mexer na fachada. Nós temos hotéis aqui na Rua Barão do Amazonas como o Hotel Amazonas⁷⁸ foi tombado, mas o pessoal que é dono não tem recurso e o Estado também não ajuda. Aí fica lá o prédio se acabando no tempo. Ficou difícil! Fica ali um imóvel histórico. Esse aqui em frente à loja que os fundos dele dão pra Praça, chamado Hotel Gaspar⁷⁹ é também

⁷⁶ Larissa Manhães em entrevista concedida.

⁷⁷ Maria Alice em entrevista concedida.

⁷⁸ O Solar urbano de João Caldas Vianna Filho construído na segunda metade do século XIX.

⁷⁹ O Hotel Gaspar foi construído na primeira metade do século XIX para servir de residência na cidade para o Dr. José Gomes da Fonseca Paraíba.

histórico. Estava alugado pro dono do Terrazo Hotel⁸⁰, ele destruiu o prédio por dentro, aí a Santa Casa “panhou” de volta. Mas não tocou o Hotel não! Tem hoje aulas de costura pra fazer um dinheiro, porque não quiseram alugar pra hotel mais não. Minha vida foi essa! Todinha essa! E a gente vê muita gente antiga do ramo se acabando⁸¹.

No trecho acima Almir evidencia a disputa que acontece no território: de um lado, o órgão municipal de preservação patrimonial tenta impedir a perda de bens patrimoniais; de outro lado, poucas alternativas restaram para os que habitam a localidade e tende lidar com a especulação imobiliária que vem dificultando o crescimento da localidade e forçando alguns comerciantes a migrarem para os *shoppings* em razão do alto preço dos aluguéis, ou tomam medidas mais desastrosas ainda que prejudicam a preservação dos prédios históricos, como a demolição ou modificação das características originais dos prédios. Outro fator que dificulta a preservação do patrimônio é a espera de anos para dar início às reformas dos bens materiais, a demora do processo burocrático faz com que vão sendo degradados pela ação do tempo destruidora.

Almir, em sua narrativa, enumera alguns prédios históricos que estão em estado degradante como o Hotel Amazonas que, em outra época, foi o Solar urbano de João Caldas Vianna Filho, o Barão e Visconde de Piratininga. Construído na segunda metade do século XIX, foi alugado para ser transformado no hotel Amazonas. O Solar é considerado uma ruína da história local. O prédio permanece na paisagem urbana como um dos vestígios de uma época luxuosa dos barões do café e do açúcar. Um dos personagens locais ilustres, João Caldas Vianna Filho, era filho de João Caldas Viana, advogado e ex-Presidente da Província do Rio de Janeiro, e de Margarida Perpétua Pessanha. O barão foi político, militar e fazendeiro no Município de Campos, seu bisavô foi um riquíssimo latifundiário. Outro prédio que chama atenção pelas características de sua arquitetura e representa um vestígio material de um período marcante para a cidade é o Hotel Gaspar, situado na Praça São Salvador, próximo ao Museu Histórico de Campos, foi construído por volta de 1830 para ser a residência do Comendador Paraíba. O Dr. José Gomes da Fonseca Paraíba foi um fazendeiro campista muito rico que se dedicou a atividades comerciais de importação e exportação. O Comendador foi também o diretor das Companhias Estrada de Ferro Campos-São Sebastião e Campos-Carangola. Depois que veio a falecer, seus bens foram doados para a Santa Casa de Misericórdia de Campos. Posteriormente, o prédio foi vendido para o Senhor Gaspar Cardoso

⁸⁰O moderno prédio do Hotel Terrazo está localizado na Rua Joaquim Távora.

⁸¹ Almir em entrevista concedida.

que transformou o Solar em hotel, nomeando-o de Grande Hotel Gaspar. Conta-se que o Hotel era um importante ponto de encontro para reuniões abolicionistas e republicanas, além de palco de grandes festas, hospedando franceses e ingleses, engenheiros contratados para trabalharem nas obras de infraestrutura da cidade. No Hotel Gaspar já se hospedaram figuras ilustres como o maestro Carlos Gomes e o escritor Mário de Andrade. O prédio passou por várias reformas sendo que hoje não funciona mais como hotel, foi tombado pelo Município em 1985 como uma maneira de preservar.

Interessante observar o procedimento para que o tombamento seja realizado pelo órgão municipal do Conselho de Preservação do Patrimônio Arquitetônico Municipal- COPPAM. “De acordo com o presidente do Conselho, Orávio de Campos, para justificar o tombamento, o COPPAM analisa o estilo arquitetônico e a sua relevância para o cenário urbano. Leva em conta, também, os personagens ligados ao patrimônio e, sobretudo, os fatos históricos dos quais os homens são os atores principais”⁸². Segundo o presidente Orávio, o procedimento de tomar o imóvel tem por objetivo sua preservação com a intenção de resguardar a memória dos antepassados campistas. É verdade que se pode contar a história da cidade de Campos através de sua arquitetura, pois cada prédio possui suas próprias histórias locais, com os seus personagens que habitavam a localidade e por isso tornam-se também a extensão desses patrimônios. Esses personagens locais citados, como o Barão e Visconde de Piratininga e o Comendador Paraíba, pertenciam a famílias aristocráticas tradicionais e são associados à história econômica da região, seja pelas áreas de plantio da cana-de-açúcar ou pelo desenvolvimento da indústria e do comércio.

Podemos observar que o centro histórico de Campos é um lugar de memória constituído de vestígios de um passado aristocrático que estão espalhados pelo tecido urbano. Mas o que ameaça a preservação dessa memória além das ações individuais dos proprietários dos imóveis?

É de se destacar que as sucessivas intervenções urbanas também são fatores de ameaça para esses bens. Em consequência das iniciativas modernistas adotadas pelo município, houve o remodelamento da paisagem, porém o que deve ser colocado em pauta é o que fazer para que as perdas não sejam tão devastadoras. Há um enfrentamento entre esses dois pólos: tradição e modernidade que se apresenta na fala do comerciante Almir, que denuncia o seu descontentamento com a nova funcionalidade da área central e a perda de prestígio do centro histórico como lugar de sociabilidade e consumo. Conta ele:

⁸²Orávio de Campos em entrevista concedida ao site Defesa Civil do Patrimônio Histórico, em <http://defender.org.br/noticias/nacional/mais-imoveis-tombados-no-centro-historico-de-campos-rj/>

Agora é só *shopping* na cidade. Onde era o campo do Americano⁸³ na Avenida 28 de Março vão construir um novo *shopping*. Vão fazer um monte de coisa lá. Residência e *shopping* e isso só vai afastando o povo do centro⁸⁴.

Nesta passagem acima, Almir se refere ao fato de o presidente do clube de futebol Americano do Município de Campos ter vendido o estádio e a sede social do Americano para uma construtora. O estádio, demolido em fevereiro do ano de 2014, havia sido fundado em 1954 e tinha capacidade para 12.300 torcedores. Localizava-se na Avenida 28 de março, mas com a valorização deste território considerado uma área nobre da cidade, próxima ao bairro de classe média alta Pelinca, o estádio demolido dará lugar a um centro empresarial e um novo complexo esportivo será construído no bairro Guarus, na margem esquerda do Rio Paraíba do Sul. Os torcedores e ex-jogadores do Clube de futebol Americano lamentam a destruição do patrimônio material. Orávio de Campos, superintendente de Cultura e Patrimônio Histórico de Campos, afirma que o estádio vinha apresentando uma série de problemas. “O estacionamento tinha pouco espaço para carros e o acesso era muito ruim. Tudo isso dificultou muito o crescimento do local. Inclusive a Federação de Esporte do Rio se recusava colocar jogos importantes lá. O Americano já não tinha condições de permanecer onde estava”⁸⁵. Mas a justificativa se contradiz, pois se especula que o novo estádio terá menor capacidade para acomodar os torcedores.

É interessante observar até que ponto a força do capital agencia as perdas dos suportes de memórias espalhados pelo tecido urbano. Para os torcedores campistas, a demolição do patrimônio material do Clube representou uma perda irreparável. Considerado um dos símbolos da identidade local, as recordações das partidas históricas que aconteceram no Clube do Americano são sempre lembradas e estão na memória do público de torcedores que frequentavam o local.

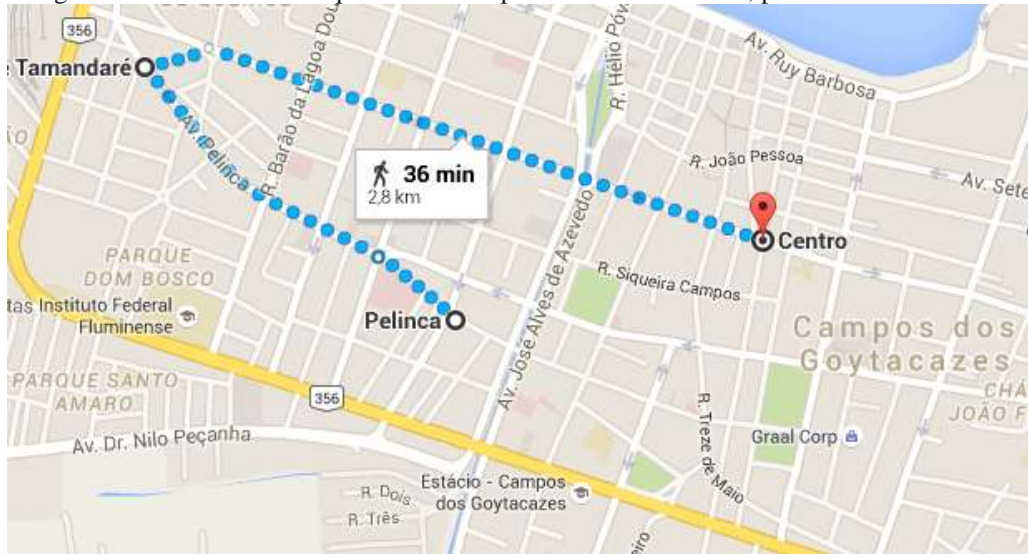
Como percebemos as intervenções urbanas não estão apenas concentradas no centro da cidade, mas nas partes do perímetro urbano que possuem o metro quadrado mais caro da cidade: o bairro central, o bairro da Pelinca e o bairro Tamandaré.

⁸³O Estádio Godofredo Cruz foi vendido e demolido.

⁸⁴ Almir em entrevista concedida.

⁸⁵Orávio de Campos em entrevista concedida ao jornal O Dia, acessar: <http://odia.ig.com.br/odiaestado/2014-08-15/campos-da-adeus-ao-estadio-godofredo-cruz.html>

Imagem 25 – Percurso do Parque Tamararé para a Avenida Pelinca, para o centro da cidade.



Fonte: Google Maps.

O comerciante Ronaldo é proprietário de um prédio histórico na rua Governador Teotônio Ferreira Araújo, no centro, onde funciona a sua livraria e vê as medidas revitalizadoras tomadas pela Prefeitura de maneira positiva. Afirma:

São medidas para preservar e modificar para o lado mais moderno, porque a cidade, o centro de Campos tem prédios muito lindos, prédios antigos. Tudo vinha de Portugal, todas as pedras! E eles estão fazendo esta obra aqui no centro, a remodelação do centro histórico de Campos e tenho a impressão que vai ficar muito bom, apesar dessa demora. Mas eu penso que vai ficar bom. A prefeita⁸⁶ foi muito corajosa! Começou a obra aqui em frente da livraria e ficou pronto, agora só falta fazer a parte elétrica e de gás⁸⁷. Acho importante essa obra. O pior é a demora. Começou na rua em frente à livraria e eu fiquei vendendo menos cinquenta por cento que o ano anterior. Isso para uma livraria é muita cosia! Vender cinquenta por cento a menos é sofrido!⁸⁸

O projeto de revitalização do centro da cidade teve início no ano de 2011. Até então, várias medidas foram adotadas como a reformada Praça São Salvador, a restauração do Solar do Visconde de Araruama e ainda algumas obras nas ruas principais do centro. Estão previstos também as reformas do Mercado Público de Campos e a do Camelódromo. Segundo o comerciante, as obras interferem no mercado consumidor da localidade pelos transtornos causados, mas ao mesmo tempo é um fator que motiva o comércio, uma maneira de “modernizar” a área central aliando-se também à preservação do patrimônio local, podendo resultar na atratividade de um maior público. Conta ele:

⁸⁶ A prefeita da cidade atualmente é Rosinha Garotinho.

⁸⁷ Está previsto no projeto a substituição dos postes elétricos por um sistema subterrâneo.

⁸⁸ Ronaldo em entrevista concedida.

Mas tem o ônus e tem o bônus. Depois que acabou essa parte em frente à livraria, o trânsito de pedestres melhorou muito. Agora, precisa de muita coisa ainda, porque a revitalização do centro é um quadrado muito grande: Beira Rio, Barão de Amazonas, Rua Formosa e Carlos Lacerda. É uma obra muito grande! Estão com a intenção de fazer o Mercado e Camelódromo. Já fizeram o Museu. E a Praça São Salvador. Mas eu espero mais!⁸⁹

A revitalização do centro levantou diversas opiniões. O comerciante Almir, que possui seu comércio na rua Barão do Amazonas, tem um ponto de vista que diverge do comerciante Ronaldo, pois vê as medidas adotadas pela Prefeitura de maneira negativa. Afirma ele:

Não sei o que está acontecendo! Não sei se é a prefeitura que não ajuda porque só está destruindo o centro. Agora quer diminuir as ruas pra tirar os postes da rua e colocar tudo subterrâneo e com isso está diminuindo as ruas. As ruas já são pequenas aqui no centro e agora diminuindo mais ainda. Essa reforma do centro está acabando de afundar o resto. Dizem que iam revitalizar o centro, mas não vejo nada disso. Estão acabando. Tiraram os estacionamentos e agora não tem lugar nem pra parar o carro. Você tem que pagar o estacionamento quatro, cinco reais a hora!⁹⁰.

Segundo Almir, as obras trouxeram consequências desastrosas para os que utilizam o espaço. Seja por causa do transtorno no trânsito, ou pela falta de vagas para estacionamento, Almir vê com estranhamento as alterações da paisagem urbana. Sua narrativa chama atenção para o aumento da especulação imobiliária na área central e o comerciante alerta que um dos fatores que contribuíram com esse aumento no preço dos aluguéis teria sido a construção do novo *shopping Plaza Center*, o que resultou no afastamento de alguns empreendedores que preferiram abrir suas lojas em outros *shoppings*, e isso, por conseguinte, acabou afetando o crescimento econômico do lugar. Afirma ele:

Esse novo prédio da esquina, o *Plaza Center*⁹¹ é da Santa Casa. Fizeram estacionamento e aluguéis de lojas, porque deixaram uma firma de fora para ela construir o imóvel no terreno, então o estacionamento ela arrendou, não quis se envolver. Foi até uma senhora quem alugou. Possui estacionamento nos três andares e custou 85 milhões essa obra e não está alugando quase nada de lojas. Eles pediram um preço abusivo pra Campos, vinte, trinta mil, um preço de um aluguel de uma loja ali. Só se for vender droga pra poder faturar isso. (risos)
O negócio está difícil, isso já tem dois ou três anos que essa obra do *Plaza Center* foi feito e não conseguiram alugar quase nada. Agora que abriu uma farmácia ontem chamada “Faz Mais”. Essa firma é de São Paulo. O Cantão do Líbano⁹² alugou a loja da ponta. Tá em obra. Tem outro de lanche que alugou e que está mexendo também.

⁸⁹ Ronaldo em entrevista concedida.

⁹⁰ Almir em entrevista concedida.

⁹¹ O Plaza Center está localizado na Praça São Salvador foi construído no lugar do prédio da Santa Casa de Misericórdia de Campos, ordem religiosa portuguesa.

⁹² O restaurante árabe Cantão do Líbano é tradicional na cidade, fica situado na Rua Marcílio Dias.

Tem o Bobs, a loja Americana. Aqui só abriu uma loja da Oi, na subida do elevador, foi a primeira loja nesse prédio novo. Mas não tem movimento nesse trecho. As lojas vizinhas estão todas fechadas. Eu tenho um colega que ia alugar uma loja nesse prédio, mas ele foi ao *Shopping* da Avenida 28 e achou uma loja alugando toda pronta, sem precisar mexer em nada, aqui nesse prédio novo do centro você tem que mexer na loja toda. Lá ele alugou por quatro e quinhentos com já tudo pronto! Toda montada! Aqui ele foi ver o preço era nove mil. Ele conseguiu no *shopping* pela metade do preço. E tem mercado consumidor pro ramo dele de jogos eletrônicos ⁹³.

Este trecho da entrevista do comerciante evidencia a disputa que está acontecendo no centro da cidade com alguns exemplos. Desse modo, a especulação imobiliária afasta os pequenos empreendedores que não têm condições de pagar os altos aluguéis do novo shopping central e muito menos competir com as grandes empresas como o “Bobs” e as “lojas Americanas” que possuem várias filiais espalhadas pela cidade. Os pequenos empreendedores locais optam por locar lojas em *shoppings centers* que possuem aluguéis mais razoáveis, como o *Shopping* Avenida 28, situado na Avenida 28 de Março. Almir relata que hoje está tudo mudado, tanto a paisagem urbana quanto a forma de fazer comércio. Segundo ele, muitos prédios históricos reconhecidos como patrimônio cultural (via tombamento) foram vendidos ou demolidos e, com sentimento nostálgico, se recorda da demolição do Teatro Trianon que costumava frequentar quando, na época, havia uma vida noturna movimentada no centro. O comerciante segue sua narrativa fazendo uma crítica às intervenções na paisagem, afirmando que acontecem dois fatos: ou demolem o que era para preservar, ou as iniciativas municipais alteram os lugares identitários importantes para os habitantes de forma desastrosa, como fizeram com a reforma da Praça da cidade. Diz ele:

Eu sou nascido e criado em Campos. E antes lá no começo a gente tinha freguesia! No meu ramo; hoje, não tem mais! Entendeu? Hoje mudou tudo! Sabe aquele prédio que tem o Banco do Bradesco? Ali tinha um teatro chamado Trianon⁹⁴ e eles falam tanto em conservar patrimônio e eles não preservaram o Teatro que era o maior patrimônio de Campos. Você conhece o teatro municipal do Rio de Janeiro? Aquele era uma miniatura do teatro municipal do Rio. Era enorme! Tinha camarote, três balcões! E acabou! Eles venderam para o Banco do Bradesco o prédio, então o Bradesco demoliu pra fazer aquela agência. Foram lá e fizeram outro Teatro Trianon⁹⁵ que parece um mosquito. Uma casa pequena de espetáculo. Eu frequentei o teatro Trianon. Vinham vários artistas do Rio de Janeiro cantar em Campos. Peças de teatro também. Angela Maria, Nelson Gonçalves. Todos eles vinham. Naquela época, era um show! Você tinha que ver! E hoje estão destruindo a cidade toda! Hoje não tem nem como estacionar o carro na rua. Acabaram com tudo! Você

⁹³ Almir em entrevista concedida.

⁹⁴ O teatro Trianon foi fundado no ano de 1921 e demolido em 1975.

⁹⁵ O novo Teatro Trianon, inaugurado no ano de 1998, funciona na Rua Marechal Floriano.

chegou a ver a Praça como era antes? Era linda! Eles acabaram com a Praça. Colocaram umas palmeiras imperiais ali que custaram uma fortuna pro município, 20 mil cada muda daquela palmeira. Hoje as palmeiras estão levantando a raiz e destruindo. Eu não posso ir de carro para o centro, então vou de ônibus ⁹⁶.

Almir, em seu relato, revela lembranças de lugares que frequentava no centro da cidade na época de sua juventude. Um desses lugares era o Teatro Trianon, construído por iniciativa privada pelo capitão Francisco de Paula Carneiro, rico fazendeiro e usineiro da região, era mais conhecido como Capitão Carneirinho. Carneirinho, figura popular na cidade, era proprietário de um luxuoso café na Rua Treze de Maio, no centro, chamado “Doze Bilhares”, mas foi pensando no desenvolvimento de atividades culturais na cidade que o usineiro financiou a construção do teatro, inaugurado no dia 25 de maio de 1921. O prédio do Trianon estava localizado também na Rua Treze de Maio, no trecho onde hoje o boulevard tem o seu nome. Primeiramente, nesse local, Carneirinho havia mandado construir o Cine-Teatro Orion, posteriormente fundou o Teatro Trianon que foi uma ampliação de sua obra. Hélio Gomes Cordeiro, fundador do instituto historiar, descreveu como era o famoso Teatro Trianon:

O Trianon possuía uma arquitetura luxuosa formado por 156 frizas, 554 cadeiras na platéia, 290 balcões, 38 camarotes e 610 gerais para comportar 1.800 espectadores. A coxia tinha 25 camarins, sendo dois deles muito luxuosos que eram reservados para artistas famosos que iam se apresentar no teatro ⁹⁷.

O capitão Carneirinho havia contratado dois arquitetos da cidade do Rio de Janeiro para a construção do Cine-Teatro que representou um marco da modernidade na memória da cidade. Os interlocutores, que chegaram a frequentar o teatro, lamentam a demolição do prédio que deu lugar a uma agência do Banco do Bradesco. Conta-se que o prédio do teatro foi demolido na calada da noite no dia 27 de junho de 1975⁹⁸, pois um movimento de protesto contra a demolição enviou uma carta de protesto em nome da Associação Norte Fluminense de Engenheiros e Arquitetos, ao prefeito da cidade da época, José Carlos Vieira Barbosa, com a intenção de embargar a demolição do patrimônio histórico. O Trianon foi uma das construções que simbolizou uma época economicamente próspera da cidade que se refletia também no âmbito da cultura local. Nesse ponto, Almir recorda com sentimento nostálgico, diz ele:

⁹⁶ Almir em entrevista concedida.

⁹⁷ Trecho retirado do blog: <http://institutohistoriar.blogspot.com.br/2009/07/cine-teatro-trianon-e-o-novo-teatro.html>

⁹⁸ Segundo o blog <http://institutohistoriar.blogspot.com.br/2009/07/cine-teatro-trianon-e-o-novo-teatro.html>

Hoje está preocupando! É lamentável. Quem viu antes Campos e vê hoje. Aquele prédio perto da Praça era uma escola de música Lira do Apolo, o nome. O prédio pegou fogo! E ficou até hoje assim. Começaram angariando dinheiro pra começar a mexer por dentro, mas está devagar. Ontem conversei com uma pessoa que está envolvida nisso e disse que a prefeita prometeu ajudar e nada até hoje ⁹⁹.

O prédio histórico da Escola de Música Lira de Apolo no qual o comerciante se refere é outro marco na memória da cidade que existe até hoje na paisagem urbana. O prédio da sede da Escola foi construído em 1912¹⁰⁰, posteriormente foi fundada no ano de 1914, graças à colaboração dos próprios músicos associados e está localizada na Praça São Salvador, próximo a Igreja da Catedral. A Lira de Apolo sempre esteve presente em eventos históricos locais como a recepção da visita de Getúlio Vargas a cidade de Campos no ano de 1950, animou também na inauguração dos Correios e Telégrafos e da Usina Santa Cruz em Campos dos Goyatacazes, estava presente quando João Goulart visitou a cidade do Rio de Janeiro. “A banda tocou na inauguração da 1ª Igreja Batista de Campos; no casamento da filha de Maria Queiroz de Oliveira (Dona Finazinha, uma senhora muito bem reconhecida para a sociedade campista); na inauguração e centenário da Biblioteca Municipal de Campos” ¹⁰¹. A Lira de Apolo está entre as mais antigas centenárias corporações musicais do Município de Campos, fundada em 19 de maio de 1870. Mas, no ano de 1990, ocorreu um fato que marcou a cidade, o prédio de sua sede havia pegado fogo e foi interditado.

Até hoje a sociedade campista espera que o prédio considerado um patrimônio cultural do Município seja restaurado. Por falta de um lugar para ensaiar, os músicos se reúnem na rua com seus instrumentos em frente a antiga sede. O prédio foi bastante degradado pela ação do tempo e do fogo e ainda permanece fechado, mas, apesar disso, permanecem na memória dos habitantes recordações de uma época em que o centro histórico agitava-se com a música da banda que marchava pelas ruas principais da cidade. Na narrativa de Almir, percebe-se que o centro histórico era um lugar essencial para a sociedade campista, lugar de grande vitalidade e diversidade social.

É verdade que os espaços públicos da cidade eram mais utilizados para atividades culturais, festividades, ou seja, para o lazer e sociabilidade. Havia uma funcionalidade, para a Praça e para as ruas, que estava muito além de ser apenas um lugar de passagem. Os clubes organizavam as melhores festas de carnavais e no cine-teatro Orion a juventude se reunia para

⁹⁹ Almir em entrevista concedida.

¹⁰⁰ GOMES, 2008

¹⁰¹ GOMES, 2008:35

depois passear pela cidade, ir tomar um sorvete na Sorveteria Americana para depois assistir a missa na Igreja da Catedral. Tais práticas sociais modificaram-se, contra Almir:

Antigamente tinha uma banda de música da Escola de Música Lira de Apolo que saía tocando pela cidade. Não tem aquele Coreto da Praça do Liceu¹⁰²? As bandas de música iam pra lá tocar e a juventude ia também. Se não fossem aniversários e cinema acabou! Vinha pra Praça também tocarem. E era nossa diversão! Havia vida noturna em Campos, era outra coisa. Tinha o Clube Saldanha da Gama¹⁰³ aqui no centro que hoje é o prédio *Campos Shopping* da Beira Rio, porque antes era o Clube que foi demolido. Tinha uma boa piscina, era muito bem frequentado, aconteciam festas, carnavais. Hoje o Clube é no final da Rua Sete, depois da UENF¹⁰⁴. Eu sempre ia as sextas feira, mas começou a ficar perigoso. Um pessoal perigoso começou a frequentar, aí abandonei e hoje fico em casa. Por incrível que pareça, hoje tem que ficar em casa!¹⁰⁵

Um dos lugares sempre presente na memória coletiva da cidade, citado pelo interlocutor Almir, é a Praça do Liceu de Humanidades de Campos também conhecida como “Jardim do Liceu”. Incorporando outros elementos que fazem parte do patrimônio cultural da cidade, a Praça possui um coreto, um chafariz com esculturas em metal, bancos em rocaille, todos em estilo romântico. Nas recordações de Almir, a banda saía de sua sede no centro e percorria as ruas da cidade até a Praça do Liceu, parando no coreto da Praça. Lá juventude se aglutinava para acompanhar as músicas tocadas. Um dos clubes mais frequentados naquela época era o Clube Saldanha da Gama¹⁰⁶. Uma das opções de lazer na cidade, havia sido fundado em 1906, na rua da Beira-Rio e, claro, sua inauguração teve a presença da banda de música Lira de Apolo. Seguindo com a narrativa, Almir descreve como era a rua de sua loja nos anos 90: a rua Barão do Amazonas.

O comerciante chama atenção para as mudanças que ocorreram, alguns órgãos públicos saíram de lá, assim como o ponto final dos ônibus que era mais próximo da rua de sua loja. Almir se recorda também da antiga fábrica de tecidos Nossa Senhora da Conceição, um marco da modernidade para a cidade de Campos, conta:

“O Ministério do Trabalho era nessa Rua Barão de Amazonas e a Prefeitura também era aqui. Tinha um imóvel que era pediatria da previdência, havia médicos,

¹⁰²O jardim do Liceu, ou Praça do Liceu, está localizado em frente ao Liceu de Humanidades de Campos, no centro da Praça existe um coreto que foi tombado pelo Patrimônio Estadual – INEPAC no ano de 1985.

¹⁰³O Clube Saldanha da Gama foi demolido para dar lugar ao primeiro shopping da cidade e um novo foi construído no final da rua sete de setembro.

¹⁰⁴Universidade Estadual do Norte Fluminense, localizada na Avenida Alberto Lamêgo.

¹⁰⁵Almir em entrevista concedida.

¹⁰⁶Luís Filipe Saldanha da Gama, mais conhecido como Almirante Saldanha da Gama era um campista militar da marinha, morreu em confronto na batalha federalista no campo Osório em 1895.

dentistas. E acabou tudo! E esse trecho foi morrendo. Tiraram também o ponto de ônibus daqui da Praça Quatro Jornadas¹⁰⁷ que é em frente ao Banco do Brasil. A Praça era toda de marquise. Aqui no final dessa Rua Barão de Amazonas era o final do ponto da empresa Bom Jesus e Itapemirim. Parava no final dessa rua, isso há vinte anos. Existia uma fábrica¹⁰⁸ enorme de tecido em Campos que acabou já tem uns quarenta anos. Eu tinha um colega que trabalhava lá. O terreno da fábrica começava lá onde tem a casa do Garotinho na Lapa e ia até a Rua dos Goitacazes que a gente fala Rua do Gás. Tudo de tecido”¹⁰⁹.

A fábrica de tecidos, mencionada por Almir, estava localizada na Avenida 15 de Novembro, no bairro da Lapa e foi fundada por Francisco Saturnino de Braga, no ano de 1855¹¹⁰. Até o ano de 1940, a fábrica ainda funcionava: possuía três turnos de 8 horas. A todo vapor, a fábrica produzia tecidos para uma demanda local e nacional, mas a fábrica começou a dar sinais de crise nos anos 50, com atrasos nos salários dos seus funcionários. Era o reflexo de uma crise intensa que a cidade estava passando.

É verdade que apesar de a cidade na década de 30 e 40 apresentar diversos símbolos modernos e uma vida social e cultural agitada no ano de 1950 a situação da indústria do açúcar se agravou dando sinais de crise mais intensa “em virtude da monopolização da produção paulista, o que reflete em declínio das usinas e, como resultado, o crescimento de problemas econômicos e sociais, bem como, no aumento de falências de usinas e endividamento dos usineiros e negociantes”¹¹¹.

No final da década de 60, a fábrica foi prejudicada com inúmeras interrupções de energia elétrica, mas o que levou a sua falência foi a desleal concorrência com as fábricas cariocas e paulistas, que conseguiam comprar a matéria prima para a fabricação de tecido mais barata até que as atividades da fábrica foram encerradas e 1.113¹¹² trabalhadores foram demitidos causando uma grande crise na economia da cidade. A fábrica de tecidos foi um dos importantes símbolos da revolução industrial na cidade e um importante pólo gerador de emprego para os habitantes, empregando crianças e mulheres. Nessa época, o município tinha uma população muito menor e a fábrica dava estabilidade financeira a essas famílias. É de se destacar que foi graças à chegada da luz elétrica, em 1883, que surgiram as primeiras fábricas em Campos: “foi inaugurado o primeiro serviço de iluminação pública do Brasil e da América

¹⁰⁷A Praça Quatro Jornadas hoje é mais conhecida como a Praça São Salvador, santo padroeiro da cidade.

¹⁰⁸A fábrica de tecidos Nossa Senhora da Conceição.

¹⁰⁹Almir em entrevista concedida.

¹¹⁰ Blog instituto historiar: <http://institutohistoriar.blogspot.com.br/2008/06/fbrica-de-tecidos-da-lapa-imortncia.html>

¹¹¹ALVES, 2013: 116

¹¹² Blog instituto historiar: <http://institutohistoriar.blogspot.com.br/2008/06/fbrica-de-tecidos-da-lapa-imortncia.html>

Latina. No município foram instaladas trinta e nove lâmpadas supridas pela primeira central elétrica”¹¹³.

Percebemos com os relatos que o centro histórico da cidade de Campos passou a ter uma nova funcionalidade a partir do final dos anos 80, a relação do centro histórico com a cidade se modificou em decorrência das transformações socioeconômicas que a cidade atravessou nas últimas décadas. A criação de um novo centro comercial no bairro Pelinca afetou diretamente os que possuem seus comércios no centro histórico e o fenômeno dos novos *shoppings centers* modernos também contribuíram para atribuir esta nova funcionalidade ao centro como explica a historiadora Maria Alice:

“Esse centro deixou de existir lentamente a partir do final da década de 80 e início de 90. Na atualidade o centro possui muitas lojas bem populares, das lojas antigas temos ainda O Livro Verde, A Oriental e a Noiva (lojas de Tecidos), a Cipó (roupa masculina), A Luis XV (sapatos), a Zulckner (que vende material para artesanato), a Feira Livre (brinquedos), A festival, A Francesa e o Sagres (lanchonetes que ficam no calçadão).”¹¹⁴.

Os relatos citadinos dos interlocutores revelam que mesmo o centro histórico não sendo o único espaço público que a população faz uso, ainda é um importante lugar de suporte de memórias e apesar da prática da demolição ser recorrente desde a formação do centro da cidade, o município tenta preservar o que restou na paisagem urbana por meio de leis mais severas.

¹¹³ SILVA, 2011:21

¹¹⁴ Maria Alice em entrevista concedida.

Imagem 26 - À esquerda, O prédio da sociedade musical Lira de Apolo em 1918, na Praça São Salvador.



Fonte: Arquivo Público de Campos.

Imagem 27 – O prédio da sociedade musical Lira de Apolo atualmente, na Praça São Salvador



Fonte: <http://coppamcamposrjlivrotomboinepac.blogspot.com.br/>

Imagem 28- Prédio do Grande Hotel Gaspar, na Praça São Salvador.



Fonte: http://www.robertomoraes.com.br/2005_08_01_archive.html

Imagem 29 – Clube Saldanha da Gama demolido, na Avenida XV de Novembro.



Fonte: Arquivo Público de Campos.

Imagem 30- Shopping Beira Rio, na avenida XV de Novembro.



Fonte: http://camposturismo.com.br/1688_campos-shopping

Imagem 31 – A Igreja Catedral do Santíssimo Salvador em 1879.



GUILHERME BOLCKAU: Praça São Salvador - Matriz, c.1879.
Fotografia, 18,2 x 23,9 cm.

Campos dos Goytacazes, Biblioteca Municipal Nilo Peçanha - Acervo Leonardo da Silva Vasconcellos.

Fonte: Guilherme Bolckau, Biblioteca Municipal Nilo Peçanha. Acervo: Leonardo Vasconcellos.

Imagem 32 – A Praça São Salvador em 1950.



Fonte: Arquivo Público de Campos

Imagem 33- A Praça São Salvador, ao fundo a Catedral e à esquerda a escola de música Lira de Apolo.



Fonte: <http://institutohistoriar.blogspot.com.br/2013/03/ha-178-anos-atras-campos-dos-goytacazes.html>

Imagem 34 - A Praça São Salvador antes da última reforma em 2011.



Fonte: <http://ideias.org.br/informativo/campos-dos-goytacazes-inicia-inventariacao-turistica-emjaneiro>

Imagem 35- A Praça São Salvador depois da última reforma, com o calçamento em mármore e as árvores foram substituídas por palmeiras imperiais.



Fonte: <http://institutohistoriar.blogspot.com.br/2010/03/elevacao-de-campos-dos-goytacazes.html>

Imagem 36– O prédio do Cine Teatro Trianon, inaugurado em 1921 na rua Treze de Maio.



Fonte: Arquivo Público de Campos

Imagem 37: Fachada do Cine Teatro Trianon



Fonte: Arquivo Público de Campos

Imagem 38: O Cine Teatro Trianon lotado, com capacidade para 1.800 espectadores.



Fonte: Arquivo Público de Campos

Imagem 39: O palco do Cine Teatro Trianon



Fonte: Arquivo Público de Campos

Imagem 40: O prédio do novo Teatro Trianon com capacidade para 917 espectadores, construído em 1999 está localizado na rua Marechal Floriano – centro.



Fonte: http://camposturismo.com.br/1246_teatro-trianon

Imagem 41 – O Solar Urbano do Barão de Piratininga, funciona o Hotel Amazonas.



Foto: Paula Pimentel

Imagem 42 – O coreto da Praça do Liceu



Fonte: http://camposturismo.com.br/2371_coreto-do-liceu

Imagem 43- A extinta fábrica de tecidos Nossa Senhora da Conceição, em 1920, Rua Beira Rio, no bairro da Lapa



Fonte: Arquivo Público de Campos

3.8. Dificuldades e conquistas da pesquisa

Na parte inicial da pesquisa, ia sempre ao centro da cidade, entrava nos comércios e abordava os funcionários explicando o meu projeto e sempre era encaminhada ao dono do estabelecimento.

Um dia entrei em uma loja de doces, havia várias prateleiras cheias de potes de doces tradicionais: geléias, goiabadas, frutas cristalizadas, balas de coco recheadas e chuva. A funcionária, que preparava os doces ali mesmo, no local, me atendeu muito gentilmente. Esse comércio tem mais de vinte anos e se chama Caldas Novas. A dona do comércio me atendeu, expliquei minuciosamente o que queria, e o que era a pesquisa, tentei ser clara sobre o que estava fazendo. Nesse momento percebi que tinha que ter argumentos a meu favor: como convencer alguém a participar da pesquisa? Era uma mulher bastante objetiva e me disse: - Tá bom! Então você traz o questionário feito, deixa aqui, eu respondo, e depois você volta pra buscar. Naquele momento, achei que aquela Senhora não tinha entendido muito bem minha pesquisa, mas depois, me deu um estalo e compreendi que na verdade ela não estava interessada, e como pesquisadora havia entendido o seu desinteresse e lhe disse: - Ok! Muito obrigada!

Nesse dia, fui embora reflexiva quanto a relação entre o pesquisador e seus interlocutores. Percebi que a Senhora que me atendeu não queria participar. Sua praticidade foi interpretada por mim como se ela não quisesse ter trabalho e nem perder seu tempo me contando sobre a estória de sua trajetória como comerciante no centro histórico. Esses imponderáveis são completamente possíveis de acontecer no trabalho de campo, nesse momento compreendi o desinteresse e segui em frente em busca de novos participantes para compartilhar suas experiências comigo. Mas, logicamente esse episódio havia mudado minha visão romântica do trabalho de campo.

Agora havia se tornado um desafio com algumas limitações - nem todas as pessoas que eu queria que participassem achariam importante e interessante o bastante para participar da pesquisa e nem sempre estariam receptivos a exporem relatos testemunhais de sua vida para uma estranha. Mas é óbvio que estavam preocupados com problemas práticos da vida de trabalho rotineiro, como atender os clientes, dar conta do trabalho empilhado no chão da loja, ou arrumar o maquinário que estava com defeito.

Certa vez entrei numa fábrica e loja de bonés de todos os tipos. Na verdade, estive lá umas quatro vezes, tentando convencer a proprietária a participar deste estudo, mas ela sempre me dizia para voltar depois e verificar como estava sua disponibilidade, entendi que seria impossível marcar nossa entrevista. As repetições de situações como esta me fizeram entender, que os que participariam da pesquisa eram os que a partir do primeiro contato estabelecido estavam dispostos a me dar a atenção necessária para me informar com detalhes sobre o mundo social do comércio. Prosseguindo com as minhas tentativas de coleta de

entrevistas, fui novamente até o Centro da cidade. Pensei em ir até a livraria “Ao livro Verde”, centenária na cidade, sua história tem uma importância e uma relação ímpar com a cidade. O Sr. Ronaldo, dono da livraria me atendeu e foi muito simpático, falava todo orgulhoso sobre sua livraria centenária, dispôs-se em contar sua história.

Naquele momento, então liguei o gravador e ele começou: - Bom; tudo começou quando... E de repente o seu celular toca e educadamente me pede para continuar outro dia, eu respondi: - Ok! Quando quiser! Marcamos um horário e o dia. O Sr. Ronaldo me pareceu bastante animado, olhou pra mim e disse: - Você vai ver! Vai fazer uma ótima entrevista! Porque aqui tem muita estória! Existe uma estória que a Princesa Isabel comprou a caneta pra assinar a abolição aqui! Disse-lhe: - Mas que boa história! Nossa conversa nesse dia terminou bem humorada. Ronaldo pediu que antes de ir embora eu olhasse para as placas pregadas na parede exterior de sua loja, naquele momento Ronaldo quis me mostrar a importância de seu estabelecimento para a história da cidade. Dizia ele: - São homenagens que algumas pessoas fizeram para a loja! Então lhe disse que levaria a máquina fotográfica para tirar algumas fotos. Ao retornar na outra semana o Sr Ronaldo estava na loja, sentado na parte da cafeteria

Quando me viu, demonstrou expressão de surpresa, pois ele havia se esquecido do nosso encontro, mesmo deixando marcado com sua secretária, e me pediu desculpas por ela não ter lembrado a ele. Então remarcamos nosso encontro, mas fiz companhia enquanto a pessoa que ele esperava para resolver assuntos de negócios ainda não havia chegado. Nossa conversa durou uma hora e quarenta minutos, falamos de variados assuntos, inclusive sobre a situação do comércio local atualmente, comentou: - Hoje em dia é preciso se adequar à evolução tecnológica. Antigamente era tudo na ponta do lápis!

Sr. Ronaldo sempre muito gentil pediu a seu funcionário que servisse dois cafés: para ele um RS pequeno e para mim um capuccino grande. O Sr. Ronaldo me contou com muito bom humor que o nome do café era a sigla de seu nome: Ronaldo Sobral (RS), posteriormente me relatou a história do café: - Esse café eu aprendi a fazer em uma de minhas viagens que fazia sempre a Angra, lá eu tomava sempre esse café, e perguntei a moça como fazia. Ela disse: - É com a espuma do leite por cima, e não com o creme de leite! - Então eu trouxe esse café pra Campos! Ronaldo se mostrou um contador de histórias, boas histórias de viagens com seus amigos, recordou algumas histórias pessoais, mas uma delas em especial foi de extrema importância para sua vida. Em uma viagem a Salvador-BA um amigo britânico e dono de uma boate perguntou a ele se queria conhecer outro mundo e que gostaria muito de lhe mostrar uma realidade que até então ele não fazia ideia de que existia, era a realidade de crianças

baianas que passavam fome e comiam comida junto aos porcos. Quando narrava essa estória me contou o choque que teve com o episódio vivenciado naquela noite: - Como pode? Um lugar que tem tanto turista, tanto luxo, esconder esse tipo de realidade, logo ali, bem perto da orla! É muita injustiça nesse país! Realmente revoltante! Nesse momento, se mostrou uma pessoa muito humanizada e desencantada com o cenário da política nacional. De repente a sua visita esperada chega, e eu me despeço com a esperança de nos falarmos na semana seguinte, foi nesse dia que percebi que nossa conversa tinha nos aproximado, pois compartilhei também com ele memórias pessoais.

A confiança é sempre uma tarefa difícil de ser conquistada pelo pesquisador, muitas vezes é preciso deixar o gravador de fora do encontro para estabelecer uma relação de confiança ou até mesmo conseguir pequenas informações importantes que farão toda a diferença, como peças de um quebra cabeça difícil de ser montado. Na outra semana retornei no dia e hora combinados, mas Ronaldo não estava na loja, seu funcionário me informou que ele estava doente, deixei meu número escrito em um cartão e na manhã seguinte para minha surpresa Ronaldo me liga dizendo que estava muito gripado e me pediu que eu ligasse na semana seguinte. Desejei melhoras e ele disse que me retornaria assim que pudesse. Aconteceram vários imprevistos que impossibilitaram nossa conversa, mas ainda nos falávamos por ligações sempre com a expectativa de nos encontrarmos.

A persistência no trabalho de campo é essencial, mas principalmente ter o bom senso para que não seja um incômodo e isso leve ao fracasso da pesquisa. Consegui agendar, finalmente, minha conversa com o Sr. Ronaldo. Ele estava bastante animado em me contar sobre sua livraria de quase dois séculos de vida, com um orgulho imenso que crescia em suas palavras, na medida em que ia relatando sobre a longa trajetória da livraria, o porquê de sua fundação e de como ela conseguiu sobreviver durante mais de cem anos, resistiu às mudanças sociais e presenciou fatos históricos marcantes que, cronologicamente, são referências para a história nacional e regional, como a abolição da escravatura em 1888, e as duas guerras mundiais. Contou-me sobre os funcionários que ali passaram, pois a casa era referência como primeiro emprego de jovens daquela época que precisavam, do ponto de vista de seus pais, adquirirem certa disciplina no trabalho. Muitos pais de jovens, naquele tempo, vinham pedir emprego a meu pai, João Sobral - contou.

A relação afetiva com seu comércio é a sua característica mais marcante como empresário, o prazer que sente em ver o negócio funcionando, mesmo com tantas dificuldades de seu ramo traz uma enorme compensação para ele. Não existe preço que pague essa

satisfação – dizia ele. Ronaldo ainda hoje guarda objetos que fazem parte do memorial da livraria. Seu objetivo é criar um “site museu”. A ideia é de que todos tenham acesso, sem ficar manuseando as coisas, assim protegeria sem deteriorar. Ronaldo passou a ser mais zeloso com tais objetos que são significativas recordações da livraria, depois que emprestou algumas coisas e nunca mais as teve de volta. Por esse motivo, não empresta nada que faça parte do memorial de seu comércio, Ronaldo protege muito bem esses objetos e havia ficado muito magoado com a desvalorização de sua livraria centenária expressando sua chateação no dia em que se referiu ao roteiro turístico presente no portal de turismo da prefeitura onde a livraria não está incluída nesse circuito, certamente, entendendo seu descontentamento.

Quando perguntei sobre o que eram esses objetos achou engraçado minha curiosidade, mas me disse que eram coisas como lampiões, objetos decorativos. Pedi a ele para ver esses objetos que protegia a sete chaves, ou então que me enviasse algumas fotos desses objetos, mas se negou com o argumento de que estava empoeirado e que não iria ter esse trabalho, desejava antes organizar esses objetos, digitalizar as fotos e os documentos, tive que conter minha curiosidade e não mais insistir. “Ao Livro Verde” nasce da necessidade dos imigrantes europeus que vieram colonizar as terras campistas, sem dúvida um lugar de memória em Campos dos Goytacazes, era um ponto de encontro para conversas intelectuais na época.

Voltando ao meu local de pesquisa , o centro histórico - todas minhas investidas na tentativa de agendamento de entrevistas fracassaram, as pessoas ouviam atenciosas as minhas explicações sobre a pesquisa, eram educadas, mas o trabalho não podia parar. Apontavam eles: - Olha lá! O quanto de trabalho me espera! ,ou, - Os fregueses são imprevisíveis às vezes a loja fica vazia, mas em um instante a loja fica cheia! As desculpas eram sempre as mesmas: - Estou cheia de trabalho até novembro! Mas você pode passar semana que vem pra ver se arrumo um tempo! O intenso movimento fazia com que não restasse tempo e a necessária atenção para fazer as entrevistas. Fiquei então de voltar a estes lugares sempre que estivesse por perto, claro, na esperança de uma brecha para uma conversa. Havia lugares que evitei retornar mais de três vezes, essa desculpa poderia ser uma maneira de dizer que não queria participar da pesquisa. Mas, os que aceitavam no primeiro contato, logo marcavam um dia e um horário que pudéssemos conversar. Outros apenas diziam que não gostariam de participar com olhares de desconfiança. Minha frequente ida ao mercado público permitiu que acontecesse a entrevista com a Senhora Dora, comerciante há mais de quarenta anos no mercado. Seu marido também trabalha com ela, ambos começaram no mercado como vendedores de verduras e legumes, até que um dia seu marido teve a ideia de montar uma

pastelaria dentro do Mercado Público de Campos, a pastelaria existe há quarenta anos. Mas o que me chamou atenção foi a diferença de opinião entre o casal. Dona Dora via a reforma do mercado como um ponto positivo para os comerciantes e os usuários deste espaço, já seu marido tinha uma visão crítica sobre essas reformas. Relatou a mim sua opinião: - O mercado municipal é do povo! Para o povo! Estão falando que será transformado em um lugar mais moderno, mas o povo quer isso?

A situação de entrevista com Dora foi algo inusitado, ela estava atrás do balcão servindo os clientes durante nossa conversa, pastéis, caldo de cana, sucos, e eu estava do outro lado do balcão me sentindo um incômodo naquele momento para ela. Mas para minha sorte, Dona Dora tinha um entendimento sobre minha pesquisa, estava acostumada com pessoas curiosas como eu, havia participado de outra pesquisa tempos atrás que tinha o mercado como objeto de estudo, por isso ela foi muito paciente e solícita todas as vezes que ia visitá-la. Percebi que nossa conversa com a presença do gravador não tinha acrescentado na pesquisa, com as nossas conversas mais informais consegui entender melhor o que estava se passando nesse momento de tensão entre os comerciantes do mercado público de Campos que está localizado no centro da cidade de Campos.

A primeira interpretação que fiz de seu relato confuso foi de desconfiança e desinformação sobre o que seria feito com a reforma do mercado municipal de Campos, mas já a minha segunda percepção sobre o relato foi de esperteza pela maneira que Dora conduzia o assunto, sempre muito positiva e esperançosa de que este espaço fosse transformado para melhor, tanto para a população quanto para os feirantes. Seu discurso, aparentemente neutro, tentava disfarçar suas preferências no âmbito político, evitando críticas a prefeitura local, ao contrário de seu marido, sempre muito crítico às revitalizações e reformas urbanas locais.

Às vezes Dora tentava conter o seu marido em sua fala, mas pude notar inevitavelmente as divergências de opiniões, talvez porque a interlocutora não quisesse se comprometer com a sua fala em assuntos polêmicos que envolvem a prefeitura da cidade estava nítido que Dora tinha uma afinidade com o governo atual. Em seu discurso, Dora se mostrou uma pessoa muito religiosa, notei que assim como a prefeita da cidade ela utilizava um discurso religioso para justificar as mazelas e o descaso com os cidadãos.

Sempre que precisava ir ao centro pegava uma van como meio de chegar mais rápido. A van é um transporte coletivo muito utilizado pela população da cidade. Em uma de minhas tentativas de fazer redes de relações na área central, assim que descii da van fui caminhando pela rua Barão do Amazonas e logo me chamou atenção o pequeno comércio de artigos

religiosos, com vários santos e quadros católicos pendurados na parede de diversos tamanhos, nas prateleiras os santos e no balcão que recepcionam os clientes havia uma grande imagem de Jesus Cristo, com os braços estendidos.

Nessa rua estreita e de calçadas de pedras portuguesas - características das ruas do centro da cidade - muitos comércios haviam fechado e esta loja estava entre duas outras lojas que estavam com as portas fechadas. Dirigi-me para o interior da loja que estava vazia e perguntei aos dois senhores que se encontravam no balcão se gostariam de participar da pesquisa, um deles, o mais conversador e proprietário do estabelecimento aceitou prontamente e me perguntou sobre o que se tratava, então expliquei a ele sobre o que se tratava a pesquisa e ele logo começou a me relatar sobre a paisagem urbana do centro: - “Olha aqui! Está vendo aquele prédio ali? Ali era a prefeitura de Campos, hoje é museu! As coisas mudam rápido demais aqui no centro da cidade e o comércio está sofrendo! Está vendo quantas lojas já fecharam nessa rua? Umas quatro! Eu sou comerciante há muitos anos e tive que mudar de ramo várias vezes pra me adaptar ao mercado” - relatou naquele momento o senhor Almir. Depois dessa conversa rápida marcamos a entrevista para a próxima semana.

Em seguida, fui até a livraria “Ao livro verde” para tirar algumas fotos, encontrei o Senhor Ronaldo e ficamos conversando durante uma hora e meia, dessa vez, sem o gravador. Percebi que estava se sentindo mais à vontade e assim pude obter mais informações. Foi nesse dia que descobri que seu avô Manoel da Silva Mota, foi o barão do café retratado no livro “O Barão do Café”, um dos maiores produtores de café da região na época. Por um instante o Sr. Ronaldo saiu da mesa para pegar um livro sobre as conexões ferroviárias da região para me mostrar porque era um livro sobre memória e estava deslumbrado com o livro. O livro possuía fotos muito significativas para quem conheceu esses lugares e que hoje não existe mais, Ronaldo se identificava com afetividade a esses lugares como a estação da ferrovia Leopoldina próxima a Igreja do Saco, no bairro Parque Leopoldina. Dizia ele: - “Eu andei muito de trem. Minha mãe; a família dela era de Mimoso, meu avô tinha muita terra, era produtor de café. Que saudade do trem!” Ronaldo me contou que as filhas de Manoel haviam feito um livro sobre ele e que se chamava “O Barão do Café”, Manoel da Silva Mota, um dos maiores produtores de café da época. E depois que havia falecido, sua herança já estava toda partilhada entre os filhos. Ele havia tido muitos filhos, foi quando seu pai, João Sobral, vendeu sua parte herdada e comprou a livraria, porque tinha vocação para o comércio. Então, enquanto Ronaldo me apresentava cada página do livro íamos comentando as fotos e ele fazia pausas para tecer algum comentário: - “Aqui nessa foto é o Nilo Peçanha, esse cara é um

campista esquecido! Foi presidente da república! Quando eu recebi essa medalha de homenagem do vereador que trabalhou na livraria, foi na época em que inauguraram uma estátua do tamanho do Nilo Peçanha, ele era desse “tamanhozinho”, bem pequeno! Olha essa foto do Hotel Imbetiba, em Macaé. Eu fui muito nesse hotel!” Mencionei em nossa conversa lugares da cidade que foram demolidos, mas que ainda hoje permanecem em nossa lembrança, principalmente dos habitantes mais antigos da cidade, um desses lugares era o teatro Trianon, e ele rapidamente recordou: - “No antigo teatro Trianon eu recitei aos cinco anos de idade. Parece que estou até vendo a professora atrás da cortina: - Mais alto, fala mais alto! Como é que me acabam com aquilo? Era lindo! Tinha parte de baixo e em cima. E camarotes em cima”.

Para minha surpresa ao retornar com a entrevista transcrita para o Senhor Ronaldo e ao ler o que havíamos conversado na entrevista o deixou muito angustiado com a forma textual em que se tornou sua narrativa, dizia ele: “- Isso não pode! Não tem como ficar assim como está!” O que lhe preocupava era a estética de seu discurso escrito. O texto estava cheio de repetições e vícios de linguagem, palavras como: aí, aqui, né, palavras que usamos para designar lugares e emendar um raciocínio em outro. Mas era óbvio que uma forma é o discurso oral, que assume outra forma quando esse discurso é escrito gramaticalmente, portanto duas formas de comunicação diferentes. Neste modo de proceder, fui descuidada por causar tal desconforto, a transcrição é uma etapa dificultosa que o método dos relatos orais nos impôs.

Acalmei-o dizendo que a transcrição é prática comum em um trabalho acadêmico e que se fosse para se sentir mais confortável quando fosse exposto como interlocutor eu iria fazer uma limpeza no texto para ficar mais fluído. Senti-me desconfortável com sua angústia, estava insatisfeito com esse resultado textual da narrativa. Então, como um bom amigo, me deu vários conselhos de como eu deveria escrever. Fascinado pelo exercício da leitura Ronaldo tem muito a ensinar aos iniciantes, por isso sua participação na pesquisa foi muito proveitosa. Um desses conselhos era de tirar todas as repetições de palavras e preencher os esquecimentos os chamados brancos da memória, dizia ele inconformável: “- Paula, é coisa simples, procura no google que você vai achar o nome desse lugar! Não pode ficar isso escrito dessa forma, que eu esqueci o nome! Você colocou isso!”.

Ronaldo se sentiu exposto por mim de forma negativa. Os brancos de sua memória deveriam ser preenchidos por mim. Outra grande preocupação de Ronaldo era com a banca de qualificação: “-Mas Paula, a banca vai ler isso assim? Não pode! Eles não vão querer ler isso!”

Está muito ruim! Você já fez isso antes? Você tem que alterar esse texto!”. Sua preocupação demonstrava sua personalidade perfeccionista, sobretudo, um leitor assíduo e fascinado pela literatura. Disse a ele que iria corrigir a estética do texto deixando ele mais tranquilo naquele dia.

Nesse momento da pesquisa, ainda não sabia para qual caminho as narrativas me levariam, mas é obvio que fiquei intrigada com a crise que todos estavam passando. Mas pensei que estava na hora de refletir sobre o que já tinha escrito em notas de campo e o que aparecia de relevante nas entrevistas já realizadas. Agora sabia que meu palpite estava certo desde o início sobre a hipótese de que o comércio do centro, meu local de pesquisa e objeto de estudo enfrenta hoje uma crise econômica. Mas o que as trajetórias podem me revelar mais desse lugar?

A entrevista do Senhor Almir, a última realizada aconteceu em sua loja. Havia um primo dele ajudando-o com o atendimento aos fregueses que iam procurar imagens de santos, velas, ou orações de um específico santo. Chamou-me para sentar no interior da loja que ficava depois do balcão principal. Ali conversamos durante duas horas enquanto atendia os clientes e alguns amigos que passavam na rua e paravam para cumprimentá-lo e contar alguma novidade sobre o que estava acontecendo com outros comerciantes daquela área. Nesse dia, Almir me contou sobre sua trajetória e sobre alguns temas que o preocupavam como a crise econômica enfrentada pelos comerciantes locais, as obras, demolições e novas construções de edifícios no centro da cidade. O que me chamou atenção foram seus relatos sobre a crescente violência urbana nessa área, suas memórias de um centro urbano que não existe mais, porém está presente na memória daqueles que viveram outros tempos quando a paisagem urbana do centro de Campos era outra. Havia vida noturna na cidade e uma programação cultural que os habitantes podiam desfrutar sem o medo da violência, homicídios e assaltos frequentes, que hoje deixam a população insegura.

Um evento instigante e triste ocorreu na minha visita a Almir. Quando estávamos no meio da entrevista, entra um amigo de Almir na loja contando sobre um sequestro que tinha acabado de acontecer naquela rua, era de um comerciante chinês conhecido de Almir, que se espantou com a notícia: “- Mas eu o vi hoje ainda! Estava passando aqui na rua com a filha e o filho! Coitado do rapaz!”

No centro da cidade as notícias chegam rápido, um vai passando para o outro, como um telefone sem fio. Quando cheguei a minha casa procurei no noticiário local sobre o sequestro, mas não achei nada sobre o fato ocorrido. Segundo as pessoas, que estavam comentando

sobre o comerciante seqüestrado, a vítima estava passando por uma cirurgia após ter sido violentado pelos sequestradores.

Senhor Almir, homem simples e de visão crítica, relatou suas recordações de lugares que não existem mais e que foram demolidos para dar lugar a outros investimentos, ou lugares que foram reformados descaracterizando as antigas práticas sociais como à antiga Praça onde era a parada dos ônibus, permanece o sentimento nostálgico da Praça arborizada e segura para a população. Com certa tristeza Almir também citou o Clube que costumava frequentar e que deu lugar ao *shopping* Beira Rio no centro e o famoso teatro Trianon que foi substituído por uma agência bancária.

3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas dos interlocutores: Ronaldo, Eraldo e Almir relatam diversos fragmentos de lembranças que ilustram um lugar de memória repleto de significados. Afinal, as cidades são “sistemas de memórias” que o homem teceu. Se por um lado, as narrativas dos comerciantes locais do centro histórico da cidade suscitam uma memória do lugar, tanto coletiva quanto individual, de suas ruas, de figuras públicas, casas, prédios, objetos e comércios; por outro, elas também apresentam os conflitos que se processam na cidade. É perceptível que a cidade de Campos dos Goytacazes/RJ, com tais medidas revitalizadoras tenta se moldar à nova lógica do mercado capitalista, fazendo intervenções no espaço público para tornar a cidade atrativa para ser consumida. Mas, analisando as transformações urbanas entendemos que aconteceram mudanças com o seu centro histórico de proporção avassaladora em sua paisagem, um misto de tradição e modernidade que compõe o lugar.

A prefeitura municipal incentiva o reconhecimento do centro como um lugar importante para a memória coletiva da cidade. Com a presença de um conjunto arquitetônico admirável, o patrimônio cultural campista vem sendo cada vez mais discutido por causa das grandes obras revitalizadoras, que possuem um discurso preservacionista, porém muitos dos conflitos e disputas que ocorreram neste lugar, como as demolições de prédios históricos, podem aparecer como um problema recorrente.

É de se destacar uma desvalorização dos serviços que são prestados nessa área além da perda do prestígio de uma classe média alta que prefere consumir em um ambiente mais seguro e confortável nos *shoppings centers* espalhados pela cidade. A falta de estacionamentos rotativos no centro de Campos e o alargamento do público frequentador da classe média são fatores que deram outras funcionalidades ao centro em relação a cidade.

O comerciante Eraldo observou que a grande maioria dos frequentadores da área central é de classe popular: “são os que ainda dão alguma assistência ao centro” e alertou, assim como o comerciante Almir, que a tendência do lugar é que se intensifiquem as transformações e os elementos que configuram a paisagem não mais permanecerão da forma como se apresentam.

Em relação aos pequenos comerciantes locais campistas, que ainda conseguiram permanecer e resistir às tendências transformadoras de um contexto contemporâneo desenhado que impõe entraves e superações a um arranjo “tradicional” comercial implica a um temor da falência que os assombra.

As cidades são competitivas, as intervenções são comuns para que as cidades possam ser atraentes. No caso de Campos/RJ, as tentativas reformistas priorizam a estética do lugar, dando destaque para a noção do lugar como patrimônio cultural que, por conseguinte, reforça uma identidade local. Podemos notar o antagonismo presente nesse lugar de disputas, pois este é um fato observável que em tempos modernos os espaços públicos tendem ao sucateamento. A cidade de Campos possui poucas opções para o entretenimento, assim, com tais limitações os habitantes optam na maioria das vezes por programações em lugares fechados, como *shoppings centers*, em contrapartida o centro histórico tem o difícil desafio de reanimar os espaços públicos e incentivar as práticas sociais em lugares públicos.

Nos relatos apresentados, percebemos que diversos lugares e práticas sociais perderam o sentido no mundo moderno, as festas com a banda na Praça, os clubes e os cines-teatros acessíveis à população viraram lembranças de outra época. A diversão e o entretenimento ficaram a cargo dos *shoppings centers* espalhados pela cidade, as casas noturnas e os bares do bairro Pelinca.

O novo teatro Trianon da cidade, além de possuir poucos lugares, é pouco acessível à população de classe média baixa. Por isso, nos cabe questionar se seria possível pensar na nova funcionalidade dos espaços de maneira conjunta com as pessoas que fazem parte deste lugar. Outro ponto a ser discutido é a cidade se revelando palco de disputas entre aqueles que tentam permanecer em seu território e aqueles que se esforçam para tornar o centro mais moderno e performativo. A isso, está aliada a força do capital, das novas construções, que passam por cima de quaisquer bens patrimoniais para alcançar seus objetivos, como o caso do prédio da Santa Casa de Misericórdia que foi substituída por um *shopping*, entre outros exemplos apresentados no decorrer da pesquisa. A ausência de ações que busquem dialogar e fortalecer o grupo social dos comerciantes locais culmina na expulsão desses grupos que são obrigados a se retirarem, não tendo condições de manter o próprio negócio. Resumindo: podemos observar algumas contradições no que se refere às iniciativas reformistas e a realidade do lugar de modo que a própria obra de revitalização do centro da cidade se torna obsoleta, pois ao tentar remediar a decadência da área central com uma iniciativa isolada não se consegue solucionar as dificuldades socioeconômicas que afetam o lugar.

Os comerciantes locais entrevistados relataram os principais fatores que suscitaram relevantes questões sobre o que está se processando neste lugar de memória: 1) O acirramento da concorrência perante o mercado transnacional e a especulação imobiliária da área central são fatores que levam à perda de um público consumidor e à falência de alguns pequenos

comerciantes 2) As iniciativas de revitalização do centro histórico da cidade não têm conseguido reverter a situação para melhorar a vitalidade socioeconômica do lugar ou, os novos elementos que passaram a constituir o lugar deram uma nova funcionalidade para o centro da cidade como as historiadoras Larissa e Maria Alice relataram que o centro histórico perdeu o seu prestígio social na sociedade campista.

É verdade que, do mesmo modo em que são tomadas iniciativas preservacionistas, a paisagem urbana se modifica velozmente, por isso é necessário que os mecanismos de proteção municipais fiscalizem efetivamente a localidade para que novas perdas não aconteçam no patrimônio cultural da cidade.

As narrativas apresentam uma paisagem urbana estratificada de diferentes tempos, alguns prédios foram demolidos para dar lugar a novos empreendimentos modernos e os casarões históricos que contam uma memória local sofrem com a ação destruidora do tempo, mas permanecem, ainda que sucateados, e fazem lembrar o passado.

Deste ponto, o historiador Michel de Certeau em sua obra “*A invenção do cotidiano*” (2001) observa que são três os dispositivos simbólicos que organizam os discursos sobre a cidade: o crível, o memorável e o primitivo, assim, “designam aquilo que “autoriza” as apropriações espaciais, aquilo que ali se repete ou recorde de uma memória silenciosa e fechada, e aquilo que aí se acha estruturado marcado por uma origem infantil” (CERTAU, 2001:185).

Assim como pensa Certau, os relatos citadinos chamam atenção para a maneira que os percursos de memórias conduzem os narradores a transitarem pelos lugares e se relacionarem afetivamente com a cidade. As histórias apresentadas fazem parte das trajetórias individuais e, apesar das rápidas transformações, já estão gravadas na memória. As práticas espaciais se relacionam intimamente com as práticas significantes, e nesse sentido, os lugares são bons para despertarem memórias individuais e coletivas por meio de mapas afetivos de lugares.

5- REFERÊNCIAS:

ABREU, Regina e Aguilera MONTALVO, José. O tombamento da Casa de Chico Mendes: Movimentos Sociais e Novos Processos de Patrimonialização das chamadas “Casas Históricas” no Brasil.

ABREU, Regina, CHAGAS, Mario de Souza, SANTOS, Myrian Sepúlveda dos Santos (organizadores). Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas. Rio de Janeiro Garamond. MinC/IPHAN/DEMU, 2007.

ABREU, Regina. "Patrimônio Cultural: tensões e disputas no contexto de uma nova ordem discursiva", in: Lima Filho, Manuel Ferreira; Eckert, Cornélia; Beltrão, Jane. (org). Antropologia e Patrimônio Cultural – Diálogos e Desafios Contemporâneos. ed. Blumenau: Nova Letra, 2007, v. 1, p. 263-287.

ABREU, Regina. Chicletes eu misturo com bananas? Acerca da relação entre teoria e pesquisa em memória social. In: GONDAR, Jô e DODEBEI, Vera (Org.) O que é memória social? 2002, p. 27-42

ABREU, Regina. Colecionando museus como ruínas: percursos e experiências no contexto de ações patrimoniais, in: Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis, vol. 14, 2012, pág. 17- 37.

ABREU, Regina. Museus, ruínas e paisagens: patrimonialização e disputas de sentidos. In: Guimaraes, Maria da Conceição Alves de (Org.). Museografia e Arquitetura de Museus. 1 edição Rio de Janeiro: UFRJ, FAU, PROARQ, 2010, volume 1, p. 190-212

ALVES, Heloiza de Cácia Manhães. Reformas Urbanas e Poder Político: Os empresários e o projeto de modernização da cidade de Campos dos Goytacazes - 1890/1930. Dissertação de Mestrado. Niterói: UFF, 1995.

ALVES, Heloiza de Cácia Manhães. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Sociologia Política UENF: A elite local e a modernização urbana em Campos dos Goytacazes: um projeto político 1930-50. Campos dos Goytacazes, 2013.

APPADURAI, Arjun. La vida social de las cosas. Perspectiva Cultural de las mercancías. Traducción: Argelia Castillo Cano, de la edición de Cambridge University Press, Cambridge, 1986.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.

BECKER, Howard. A história de vida e o mosaico científico. In: Métodos de pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Hucitec, 1994.

BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: Obras Escolhidas. Magia e técnica, arte e política. São Paulo. Brasiliense, pág. 222-232, 1985.

BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In. Magia e técnica, arte e política ensaios sobre a literatura e história da cultura. São Paulo. Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, W. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: Obras Escolhidas III, SP, ed Brasiliense, 2000B, pág.103-149.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. O trabalho do antropólogo. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CERTAUX, Michel de. A Invenção do Cotidiano. Artes de Fazer. Editora: Vozes. 6 edição. Petrópolis, 2001.

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. Editora: UNESP, São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CIFELLI, G. ; PEIXOTO, P. Centros históricos e turismo patrimonial: o pelourinho como exemplo de uma relação contraditória. Sociologia (Porto), v. XXIV, 2012, p. 35-54.

DA MATTA, R. O ofício do etnólogo, ou como ter “anthropological blues”. In NUNES, E. de O. (Org.). A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, p.23-35, 1985.

FARIA, Teresa Peixoto. Campos dos Goytacazes nos anos 1870-1880: a modernização brasileira e o “mundo citadino” Agenda Social. Revista do PPGPS-UENF, Campos dos Goytacazes, v.2 , n.2, mai-set, p.40-64, 2008.

FARIA, Teresa Peixoto. Projeto de Modernização e Mudança da Morfologia Social e Urbana de Campos dos Goytacazes/RJ nos anos 1870-1880 Novos equipamentos e infra-estrutura urbana. Anais dos encontros nacionais da ANPUR, v. 9, 2011.

FREITAS, Carlos, R. B. O Mercado Municipal de Campos dos Goytacazes: A sedução persistente de uma instituição pública. Dissertação de mestrado do programa de pós-graduação em políticas sociais. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2006.

FERNANDES, José Alberto V. Rio. Os projectos de urbanismo comercial e a revitalização do centro da cidade.Revista Memória em Rede, Pelotas, v.2, n.6, Jan / Jun. 2012 .

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e do cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs). Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP & A, 2003, p. 59-80.

GABNEBIN, J. M. História e narração em Walter Benjamin. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

GONDAR, J. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, J. e DODEIBEI, V. (Ogs) O que é memória social? Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996.p.11-35.

GOMES, Karina Barra. Dissertação de Mestrado da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF. E hoje, quem é que vê a banda passar? Um estudo de

práticas e políticas culturais a partir do caso das bandas civis centenárias em Campos dos Goytacazes, 2008.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. Editora Revista dos Tribunais LTDA, biblioteca vértice, São Paulo, 1990.

JACOBS, Jane. Morte e Vida de Grandes Cidades. UFMG, Martins Fontes, São Paulo, 2014.

LAMEGO FILHO, Alberto Ribeiro. A Planície do Solar e da Senzala. Rio de Janeiro: Católica, 1934.

LAMEGO FILHO, Alberto Ribeiro. O Homem e o Brejo. Serviço gráfico do I.B.G.E , Rio de Janeiro, 1945.

LEWIS, Oscar. Antropologia de La Pobreza. Cinco famílias. 2ª edición, 1962.

MAGALHÃES, Aloísio. Bens culturais: instrumento para um desenvolvimento harmonioso. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília, n. 20, p. 40-44, 1984.

MAUSS, Marcel. Manuel D`Etnographie. Paris: Éditions Sociales, 1967.

NORA, Pierre (1993). Entre memória e história: A problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo, n. 10, pp. 07-28.

OLIVEIRA, Maria Amália Silva Alves de. Conflitos e disputas pela memória: as ruínas de São João Marcos. Revista Memória em Rede, v. 4, p. 1-15, 2014.

OLIVEIRA, Marta Rodrigues de. Análise da dinâmica do Comércio e dos Serviços na Zona Oeste Carioca: O Caso do Bairro de Bangu (RJ). XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana. UERJ, Rio de Janeiro, 2013.

PARANHOS, Paulo. São João da Barra. Apogeu e crise do porto do açúcar no norte fluminense. Teresópolis, 2000.

PEIXOTO, Paulo. Desafios à cultura urbana no contexto das economias das experiências e das narrativas interativas, In Estudos em Homenagem ao Prof. Doutor Aníbal de Almeida, ed. António José Avelãs Nunes, Luís Pedro Cunha e Maria Inês de Oliveira Martins, 821 – 839. Coimbra: Coimbra Editora, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. Cadernos do LEPAARQ – textos de antropologia, arqueologia e patrimônio, v. II, nº4, Pelotas, RS: editora da UFPEL, ago/dez, 2005.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol 5, n 10, p. 200-212, 1992.

RIBEIRO, Rafaela Machado. O Negro e seu Mundo: Vida e trabalho na pós- Abolição em Campos dos Goytacazes. Dissertação de mestrado do programa de pós-graduação em sociologia política da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2012.

PUGLIA, José Luiz Maciel. Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em planejamento regional e gestão de cidades da Universidade Candido Mendes. Campos dos Goytacazes, dezembro, 2011.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da, ECKERT, Cornélia. Antropologia da e na cidade, interpretações sobre as formas da vida urbana. Porto Alegre. Marcavizual, 2013.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. Cidade narrada, tempo vivido: estudos de etnografias da duração. RUA [online]. 2010, no. 16. Volume 1.

SANT'ANNA, Márcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, p. 46-55, 2003.

SANTOS, N. M. W. Memória como narrativas do sensível: entre subjetividades e sensibilidades. In: GRAEBIN, C. M. G. e SANTOS, N. M. W. (Ogrs.) Memória Social questões teóricas e metodológicas. Canoas UnilaSalle, 2013.

SCHAPP, Whelm. Envolvido Em Histórias: Sobre o Ser do Homem e o da Coisa. Porto Alegre, Sergio Antonio Fabris Ed.2007.

SHUMWAY, Nicolas. A Invenção da Argentina: História de uma Idéia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília: editora UnB, 2008.

SILVA, MIRANDA. Leonardo de Vasconcellos, Elis de Araújo. De Praça das Verduras a Chá-Chá-Chá: imagens de um espaço público em contínua degradação. Novos cadernos NAEA, V.6, n 1, p. 191-2010,jun.2013.

SILVA. Bruno Gonçalves da. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em energia da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2011.

SIMMEL, George. As grandes cidades e a vida do espírito, 1903. Mana volume 11, n. 2, Rio de janeiro. Oct. 2005.

TURNER. Victor. Social Dramas and Stories about them. CriticalInquiry, Vol. 7, Número 1, OnNarrative. Autumn, 1980, pp. 141-168.

VASCONCELOS, Rita de Cássia Azevedo Ferreira de. Dissertação de mestrado desenvolvida na Universidade Federal Fluminense: República sim, escravidão não: o republicanismo de José do Patrocínio e sua vivencia na República, 2011.

VOGEL, Arno. & MELLO, Marco Antonio da Silva. Quando a rua vira casa, a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. Rio de Janeiro: IBAM / FINEP, 1981.

VOGEL, Arno (Org.) & MELLO, Marco Antonio da Silva (Org.) . Alberto Ribeiro Lamego: Engenheiro e Inventor de Tipos Sociais. 2. ed. RIO DE JANEIRO: ARQUIVO PUBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, v. 1. 174p, 1996.

VOGEL, Arno & MELLO, M. Antônio da Silva. Sistemas construídos e memória: social: Uma arqueologia urbana? Revista de Arqueologia, Belém, v.2, 1984, n.2, p.46-50

WHITE, Edmund. O Flanêur. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

WHITE, William Foote. Treino em observação participante In: Sociedade de Esquina. Street Corner Society. A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Ed. Jorge Zahar editor. Rio de Janeiro. 2005.